

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

GERAÇÃO DE EMPREGOS NO SETOR DE SERVIÇOS  
DA ECONOMIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO  
PERÍODO 2006/2012.

Jéssica Teles Machado  
matrícula nº: 109023747

ORIENTADOR: Prof. João Luiz Maurity Saboia

Abril 2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

GERAÇÃO DE EMPREGOS NO SETOR DE SERVIÇOS  
DA ECONOMIA BRASILEIRA: UMA ANÁLISE DO  
PERÍODO 2006/2012.

---

Jéssica Teles Machado  
matrícula nº: 109023747

ORIENTADOR: Prof. João Luiz Maurity Saboia

Abril 2013

*As opiniões expressas neste trabalho são de exclusiva responsabilidade da autora*

## RESUMO

O crescimento do setor de serviços nas últimas décadas nos tem demonstrado a sua presença cada vez maior na vida econômica, social e de entretenimento dos indivíduos, desempenhando a função de um dos principais condutores do processo de expansão econômica e desenvolvimento global. O setor em questão vem desempenhando um papel cada vez mais importante na geração de empregos e nas transações econômica seja como atividade principal ou como fornecedora de insumos ao setor industrial e agrícola. A expansão do setor terciário tem sido demonstrada por meio de diversas constatações empíricas, acompanhada de uma crescente e complexa diversificação de suas atividades.

Sendo assim, tendo em vista a crescente relevância do setor de serviços para a economia brasileira, o presente estudo partirá do pressuposto de que estaria havendo um processo de desconcentração regional na indústria nacional conforme amplamente documentado na literatura especializada e buscará a partir daí verificar até que ponto processo semelhante estaria ocorrendo no setor de serviços. Serão verificadas ainda as tendências locacionais dos serviços, buscando analisar o perfil dos empregos gerados. O objetivo deste trabalho é então apresentar um quadro geral sobre a geração de empregos no país no período recente, enfatizando a importância e contribuição do setor de serviços para o desempenho da economia brasileira e buscando verificar se de fato estaria ocorrendo um processo de desconcentração regional do setor.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
CAPÍTULO I - AS CARACTERÍSTICAS DO SETOR DE SERVIÇOS E A RELEVÂNCIA DA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA.....	10
I.1 VISÕES A CERCA DO SETOR DE SERVIÇOS .....	10
CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE DADOS .....	21
II.1 – DADOS GERAIS .....	21
II.2 – CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHADORES .....	26
II.3 – REMUNERAÇÃO E ROTATIVIDADE DA MÃO-DE-OBRA .....	29
CAPÍTULO 3 – ANALISANDO O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS.....	34
III.1 O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA.....	34
III.2 O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DO SETOR DE SERVIÇOS.....	38
CONCLUSÃO.....	52
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	54

## LISTA DE TABELAS E FIGURAS

Figura 1 – PIB e PIB per capita .....	21
Tabela 1 - Geração de Emprego por Setor de Atividade Econômica 2006/2012.....	22
Figura 2 – Geração de Emprego nos Setores Secundário e Terciário – 2006/2012 .....	24
Tabela 2 – Geração de Emprego por Faixa Etária – 2006/2012.....	26
Tabela 3 – Geração de Emprego por Grau de Instrução – 2006/2012 .....	27
Tabela 4 – Geração de Emprego por Sexo – 2006/2012 .....	28
Tabela 5 – Remuneração Média de Admitidos e Desligados – 2006/2012.....	29
Tabela 6 – Desligamentos por Faixa de Tempo de Emprego (Meses) – 2006/2012.....	30
Tabela 7– Distribuição Percentual de Desligamentos por Faixa de Tempo de Emprego(Meses) – 2006/2012 .....	31
Tabela 8 – Geração de Emprego no Setor de Serviços por Faixa de Salário – 2006/2012 .....	32
Figura 3 - Percentual da Geração de Emprego por Setor e Região - 2006/2012.....	38
Tabela 9 – Geração de Emprego por Setor e Região – 2006/2012.....	39
Figura 4 – Distribuição Percentual da Geração de Emprego no Setor de Serviços por Unidade da Federação – 2006/2012.....	39
Tabela 10 – Distribuição Percentual da Geração de Emprego nos Setores da Economia por UF – 2006/2012 .....	41
Tabela 11 – Distribuição Percentual da Geração de Emprego no Setor de Serviços por UF – 2006/2012 .....	43

## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos os padrões locacionais da indústria brasileira foram sendo alterados e, em diversas regiões do país, novos centros de desenvolvimento industrial foram criados, derivados de uma série de fatores atrativos do setor, tais como incentivos municipais, isenção fiscal, baixos custos de produção, redes de transportes adequadas, proximidade com o mercado relevante, etc. Paralelamente foram verificados processos de esgotamento de aglomerações industriais tradicionais, isto é, uma redefinição do ambiente industrial. Sendo assim, sob o ponto de vista da indústria, muitos autores defendem que estaria ocorrendo nos últimos anos um processo de perda de importância de regiões produtoras tradicionais, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, e o surgimento de um conjunto de novas áreas destinadas à produção industrial, ou seja, estaria ocorrendo um movimento de desconcentração regional e declínio do emprego industrial nas capitais e principais regiões metropolitanas, ao passo que estaria ocorrendo um deslocamento tanto do emprego quanto da massa salarial para regiões localizadas no interior dos estados mais desenvolvidos do país, e eventualmente até mesmo para regiões menos desenvolvidas do país.

Sendo assim, partindo do pressuposto de que de fato estaria ocorrendo um processo de desconcentração industrial nos últimos anos no território brasileiro, o presente estudo tem como objetivo principal analisar até que ponto movimento semelhante poderia ser verificado no setor terciário, sobretudo nos segmentos de serviços. Estaria ocorrendo um processo de desconcentração das atividades do setor terciário? O volume de emprego gerado no período analisado estaria, a exemplo da indústria, se deslocando para regiões do interior, constituindo assim novos polos de aglomerações terciárias? Esses são alguns dos questionamentos que buscaremos sanar ao longo das páginas deste estudo.

A relevância do setor terciário, que envolve as atividades de serviços e comércio, vem cada vez mais ganhando a atenção de investidores e das autoridades públicas no Brasil e no mundo. Tanto os serviços quanto o comércio possuem importância singular para o desenvolvimento econômico do país, eles representam mais de 60% do PIB brasileiro, segundo dados do IBGE, e foram responsáveis pela geração de mais de seis milhões de empregos formais no período de 2006 a 2012. A visão e os estudos a respeito da produção terciária têm evoluído e se aperfeiçoado significativamente nos últimos anos, na medida em que essas atividades passaram a exercer papel primordial para o desenvolvimento econômico das sociedades e têm se mostrado fortemente atreladas à produção industrial.

O estudo e conhecimento a respeito da evolução das atividades terciárias, sobretudo do setor de serviços, nos permite estabelecer uma correlação com o processo industrial e com o grau de desenvolvimento e modernização das sociedades em questão. Segundo estudo realizado por Anita Kon (1999), o que se verifica é que as atividades de comércio e serviços, a princípio, se desenvolvem com vista a desempenhar funções complementares ao processo industrial (e de modernização agrícola) e posteriormente, em épocas de maior desenvolvimento econômico, essas atividades têm a sua capacidade produtiva e importância dentro da economia elevadas, uma vez que ali se alocam o capital e mão-de-obra que não encontraram oportunidades nos demais setores.

Uma visão fortemente difundida na literatura econômica por Kon (1999) diz respeito ao papel multiplicador e estimulador do crescimento representado pela atividade industrial, já que tanto o capital quanto a mão-de-obra excedentes provenientes do meio rural se dirigiram inicialmente para a produção na indústria. Mas, segundo a autora, apesar dessa visão ser amplamente comprovada nos países desenvolvidos, o mesmo não se verifica em economias menos avançadas, já que o fluxo populacional proveniente do meio rural se dirigiria para as atividades terciárias, que exigem menor grau de qualificação do profissional, e na medida em que a ampliação dos investimentos no setor secundário apresenta limitações, a exemplo da rigidez de coeficientes técnicos de produção e limites do mercado interno e externo.

O presente estudo tem como objetivo principal apresentar um quadro geral e comparativo a respeito do comportamento do mercado de trabalho nos setores secundário e terciário do Brasil, no período de 2006 a 2012. Nesse período a economia brasileira passou por momentos de recuperação e desaceleração. Inicialmente, o mercado de trabalho foi beneficiado pelo crescimento econômico até o terceiro trimestre de 2008, quando a crise internacional atingiu o país. Posteriormente houve forte recuperação em 2010, seguindo-se uma desaceleração em 2011 e 2012. Procura-se, portanto, observar o reflexo do comportamento da economia sobre a geração de emprego, especialmente no setor de serviços. A análise é realizada em termos regionais, buscando verificar até que ponto o processo de interiorização da produção da primeira metade da década teria se modificado com as mudanças na economia nacional.

No que se refere à análise do setor industrial, as estatísticas e resultados aqui apresentados (e comprovados pelos resultados dos estudos de muitos autores) nos mostram que ao longo do período analisado houve uma marcante presença e desenvolvimento do fenômeno



da desconcentração industrial, que tanto foi debatido em estudos anteriores. O que se verifica é que ao longo dos anos, o processo de desconcentração das atividades econômicas vem cada vez mais se intensificando. Sendo assim, procuraremos nesse estudo realizar uma análise a respeito da movimentação e dinâmica das atividades industriais e do setor de serviços e comércio no período de 2006/2012, buscando fundamentar a hipótese da existência e crescimento do fenômeno da desconcentração industrial, que teria levado muitas indústrias a abandonar os grandes centros tradicionais da atividade e se deslocarem para o interior do país e buscando mostrar até que ponto fenômeno semelhante estaria sendo verificado no setor de serviços, principalmente.

A fonte de dados utilizada é o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que cobre informações mensais a respeito das admissões e desligamentos do setor formal da economia. O conceito básico utilizado para a geração dos cálculos e estatísticas é a geração de emprego, obtida através do saldo entre admissões e desligamentos informados pelo CAGED.

O texto está dividido em três capítulos. O capítulo 1 realiza uma análise a respeito das diferentes visões presentes na literatura especializada em torno da importância e principais características do setor de serviços, buscando demonstrar assim a pertinência do estudo do tema. O capítulo 2 está voltado para uma análise estatística mais geral do quadro econômico brasileiro, com o intuito de identificar os principais movimentos da economia e o perfil dos trabalhadores e empregos gerados no período. Este capítulo divide-se em 3 seções: na seção 1 serão analisados dados gerais da economia, estabelecendo uma análise mais agregada do movimento da geração de emprego ao longo do período, na seção 2 serão apresentadas as características dos trabalhadores como sexo, faixa etária e grau de instrução e por fim, na seção 3 abordaremos o tema remuneração e rotatividade da mão-de-obra. No capítulo 3 será abordado com maior ênfase o tema da desconcentração regional das atividades econômicas, com destaque para o setor de serviços. Este capítulo será dividido em 2 seções: a primeira tratará do tema desconcentração regional do setor industrial, partindo do pressuposto de que de fato estaria ocorrendo um movimento de redução da concentração da atividade da indústria nos principais polos tradicionais de produção, notadamente as regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro e na segunda seção será analisado o movimento de desconcentração regional do setor de serviços, buscando verificar se este movimento da indústria igualmente pode ser aplicado no caso das atividades de serviços.



## **CAPÍTULO I - AS CARACTERÍSTICAS DO SETOR DE SERVIÇOS E A RELEVÂNCIA DA SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA**

O Primeiro capítulo deste estudo estará baseado na análise das diferentes visões e interpretações a respeito da importância do setor de serviços para o crescimento da economia global. Serão demonstradas as principais características do setor em questão e as opiniões de diferentes autores no que se refere à relevância do estudo do setor.

### **I.1 VISÕES A CERCA DO SETOR DE SERVIÇOS**

A economia brasileira vem, nos últimos anos, apresentando grandes mudanças que se refletiram na estrutura industrial do país, evidenciando um movimento de deslocamento da indústria. Segundo estudo realizado por Paiva (2012), o processo de desconcentração industrial possui diversas interpretações no que se refere à realocação das atividades industriais. Há divergências no tocante ao fato de estar havendo ou não uma continuidade do processo de desconcentração regional; algumas interpretações apontam para a existência de um processo de redução do ritmo da desconcentração ou até mesmo da sua estagnação, enquanto muitos autores defendem categoricamente a existência de um processo de desconcentração das atividades na indústria.

No entanto, apesar de haver diferentes visões a cerca desse processo, adotaremos aqui a hipótese de que de fato estaria ocorrendo um movimento de desconcentração espacial da indústria brasileira nos últimos anos. E a partir dessa afirmação, verificaremos até que ponto esse mesmo fenômeno se aplica ao caso da atividade terciária, sobretudo do setor de serviços.

*“No que se refere à dinâmica espacial do emprego no país, a desconcentração industrial – iniciada na segunda metade da década de setenta - se acelerou e levou a indústria brasileira para fora dos grandes centros urbanos, principalmente da região metropolitana do Rio de Janeiro e de São Paulo. A dinâmica de mudança espacial da indústria teve como foco cidades interioranas do país, elegendo, no entanto, os centros urbanos do interior de estados já desenvolvidos, como São Paulo e as demais unidades da federação das regiões Sul e Sudeste” (BARROS, SABOIA e KUBRUSLY 2008: 3)*

Incentivos fiscais, menores níveis salariais nas regiões menos desenvolvidas e concessão de terrenos para a produção tem provocado um movimento da indústria para fora dos polos tradicionais da atividade em direção à regiões de porte médio. Com o deslocamento da atividade industrial, essas regiões passam a receber níveis maiores de investimentos, o que

provoca grande crescimento do volume de empregos, do número de estabelecimentos e da massa salarial. Sendo assim, uma vez que muitos autores defendem a tese de que o setor de serviços realizaria um papel de complementaridade e fornecimento de atividades para os demais setores, em especial para o setor industrial - através do fornecimento de serviços como telecomunicações, seguros, transporte, setor bancário, etc - poderíamos afirmar que o processo de desconcentração industrial verificado na indústria brasileira estaria se refletindo na alocação e dinamismo das atividades do setor terciário, sobretudo do setor de serviços? Para responder essa pergunta, vamos analisar primeiramente as principais características do setor de serviços, que fazem dele um dos setores mais dinâmicos e fundamentais para o crescimento e desenvolvimento da economia brasileira.

Segundo Anita Kon (1992), uma característica básica das atividades terciárias é a simultaneidade entre o fornecimento do serviço e o seu consumo, ou seja, se caracterizam pelo fato dessas etapas se encontrarem em espaços de tempos coincidentes. A prestação de serviços é caracterizada por ser intangível, intransferível, não estocável, apenas existindo enquanto houver o processo produtivo. Mesmo quando a atividade é realizada com o objetivo de abastecer e prover as necessidades de outros setores, como transportes ou reparação e manutenção de bens duráveis, o consumo de serviços se esgota no momento em que ocorre a sua execução. Para a autora, essa característica particular e inerente às atividades terciárias, nos leva a concepções distintas a respeito do seu caráter produtivo ou não, a respeito da geração direta e indireta de riquezas ou da relevância destas atividades na economia de uma nação. Para melhor exemplificar essa particularidade dos serviços utilizaremos um exemplo ilustrado por Grönroos (1995): pense no serviço de vigilância, esse serviço começa no momento em que o vigia monitora uma área física ou pessoa, ou seja, a prestação do serviço começa quando o monitoramento se inicia e é concluída ao final dele. Dessa forma, podemos afirmar que não é possível realizar estoque de serviços, uma vez que a prestação de cada serviço é produzida no momento em que é consumida.

Segundo Barros e Mendonça (1997), o setor de serviços tem dividido opiniões a respeito da conexão entre o funcionamento do mercado de trabalho e a geração da pobreza e da desigualdade. Muitos estudiosos defendem que esse setor é um dos principais responsáveis pela geração e crescimento da pobreza e desigualdade, partindo da constatação de que a qualidade dos postos de trabalho, em especial os salários, gerados na maioria dos segmentos constituintes desse setor é baixa. Por outro lado, há aqueles que defendem que o fato de se estar empregado

representa uma situação significativamente melhor do que estar desempregado, então se a pobreza e desigualdade são elevadas no setor de serviços, podemos dizer que na ausência dele essas variáveis seriam ainda mais elevadas. Sendo assim, segundo os autores acima mencionados, a atividade terciária tem um papel importante na dinâmica do sistema produtivo, uma vez que contribui direta ou indiretamente para o desenvolvimento da economia, reduzindo os efeitos negativos decorrentes de problemas do mercado de trabalho, haja visto a sua capacidade de geração de serviços que demandam pouco ou mesmo nenhum capital e mão-de-obra de baixa qualificação. O setor de serviços é, muitas vezes, encarado como uma alternativa para contornar o desemprego que atinge o setor industrial. Esse setor tem hoje um importante papel no interior da economia brasileira, sendo o seu crescimento vislumbrado como uma promessa para o desenvolvimento do país.

Em termos estatísticos, ao longo do período de 2006/2012 o setor terciário contribuiu com 72% da geração de emprego, sendo que desse total 44,7% fica representado pelo setor de serviços, 26,2% pelo setor de comércio e 0,7% pela administração pública. Sendo assim, verificamos a forte participação e contribuição do setor terciário, sobretudo o de serviços, para o crescimento e geração de emprego no país.

A magnitude e relevância das atividades de serviços na sociedade podem ser ilustradas tanto pela posição que ocupam na economia, seja através da participação que representam para o PIB ou através da sua contribuição para a geração de empregos, quanto pela análise das tendências e mudanças que a economia mundial vem passando nos últimos anos. Outro fator igualmente relevante que pode ser apontado como um forte indicador da importância do setor em questão é o papel fundamental que os serviços exercem no desempenho de outros setores da economia, principalmente o industrial.

Com a evolução tecnológica e a crescente globalização das relações internacionais, importantes transformações ocorreram na composição e na função desempenhada pelo setor terciário na economia brasileira, seja no que se refere à absorção de mão-de-obra ou seja propiciando infraestrutura e o suporte necessário ao desenvolvimento e crescimento dos demais setores. O que está ocorrendo na atualidade é uma expansão e diversificação do setor de serviços, com o surgimento de serviços novos e inovadores, a partir da inovação tecnológica, do crescimento da participação dos consumidores nas operações de serviços (auto-serviço em postos de gasolina, produtos empacotados para serem montados pelo consumidor, etc – exemplo ilustrado no artigo de Anita Kon 1992) e da criação de novas necessidades oriundas

do processo de globalização econômica. A ampliação do setor terciário tem sido frequentemente explicada pela modernização e automação da indústria produtora de bens, acompanhada por uma espécie de esgotamento da oferta de empregos em vários segmentos desse setor. O podemos derivar do estudo dos vários autores aqui mencionados é que o uso de novas tecnologias vem carecendo do aparecimento de novos serviços e tornando muito deles insumos fundamentais para os demais setores, sobretudo para a indústria. Essa necessidade cada vez maior por novos produtos e serviços trouxe consigo novas exigências para a sociedade no campo da educação, do treinamento, especialização e da saúde; com isso concluímos que torna-se difícil definir adequadamente o setor de serviços, ou seja, torna-se inadequado conferir tratamento homogêneo a serviços que são tão diferenciados.

*“Ao avaliar-se o desempenho do produto gerado pelo setor de serviços da economia brasileira, observa-se o papel de complementaridade destas atividades em relação à evolução das atividades industriais, em períodos de desenvolvimento econômico, particularmente nos centros polarizadores, e nos períodos de recessão ou estagnação, a capacidade de ampliação dos serviços representou uma válvula de escape para parte da população liberada de outros setores, que embora muitas vezes permanecendo subempregada, continuou contribuindo para a geração de produto” (KON; 2002:3)*

Lemos, Rosa e Tavares (2007) ressaltam que a heterogeneidade característica do setor de serviços se deve ao fato dele agregar um amplo conjunto de atividades, isto é, o setor engloba atividades muito distintas entre si, seja no que se refere ao tamanho das unidades produtivas, seja em relação ao volume de capital empregado ou mesmo ao nível tecnológico. A gama de segmentos que fazem parte do setor estende-se desde os serviços domésticos até transmissão de dados pela internet. Lovelock e Wright (2006) destacam em seu artigo que na maioria dos países o setor de serviços na economia é muito diversificado, incluindo uma ampla gama de atividades distintas, indo desde grandes empreendimentos que operam a nível global até pequenas empresas que se restringem ao atendimento de uma única cidade ou bairro. Os autores argumentam que o porte das empresas de serviços varia desde grandes corporações internacionais, a exemplo de companhias aéreas, seguradoras, bancos, empresas de telecomunicações, cadeias de hotéis, entretenimento, até pequenas empresas que possuem propriedade e administração local, como restaurantes, médicos, dentistas, táxis, dentre outros serviços específicos.

Segundo Anita Kon (1999) a evolução do setor terciário está relacionada a fatores intrínsecos ao desenvolvimento dessa atividade, particularmente no que se refere à demanda de

serviços pela economia, relacionados à fatores internos como o reinvestimento do próprio setor e do excedente operacional gerado, mas que também dependeria de fatores externos, dentre os quais a autora destaca:

- i) volume e velocidade de liberação da mão-de-obra oriunda do meio rural que se dirige para o meio urbano;
- ii) o nível evolutivo e a dinamicidade do setor secundário, que requer a ampliação e modernização de serviços complementares;
- iii) a capacidade de absorção, por parte do setor secundário, da mão-de-obra oriunda do meio rural;
- iv) geração de excedentes operacionais de outros setores econômicos e que devem ser realocados para as atividades terciárias.

Para a autora, a existência desses fatores exógenos encontra suporte na capacidade que o setor terciário possui em absorver mão-de-obra proveniente de outros setores, seja no que diz respeito ao trabalhador de baixa qualificação ou àquele de alta qualificação, e também na possibilidade que o setor oferece em expandir as atividades informais nos períodos em que a economia se encontra com menor nível produtivo ou mesmo em épocas de recessão e crise.

Muitos autores, a exemplo de Anita Kon (1999), defendem que o capital e a mão-de-obra provenientes do meio rural se dirigiriam inicialmente para o setor secundário, dessa forma este se caracterizaria como um grande promotor do desenvolvimento econômico. Progressivamente as transformações ocorridas na estrutura produtiva se conduziriam para o setor terciário da economia. Este foi um fenômeno largamente comprovado nos países mais desenvolvidos, no entanto, alguns teóricos defendem a ideia de que naquelas economias em desenvolvimento, o trabalhador se dirige inicialmente para o setor terciário, ou seja, para aquelas atividades que não necessitam de alta qualificação profissional.

*“Se as atividades terciárias se desenvolvem atendendo a funções intermediárias complementares dos demais setores, em situações diversas se ampliam em decorrência de ali de alocarem o capital e a mão-de-obra excedentes, que não encontram oportunidades nos outros setores; neste caso, tais atividades partem à procura de seu próprio mercado. Para isso concorrem a diversidade da natureza dos serviços oferecidos, que se situam em uma gama que se estende do processo de produção mais moderno e capital intensivo, ao processo mais tradicional, cujo único fator de produção empregado é o trabalho de baixa qualificação”(KON; 2003:17)*

Segundo Silva, Francisco e Thomaz (2008), atualmente as empresas tem se empenhado em encontrar novas formas de gestão e organização da produção em vista a aumentar a sua competitividade e produtividade. Sendo assim, observa-se uma tendência crescente de baixos níveis de integração vertical nas empresas, que tem desencadeado uma atenção especial para o processo de terceirização e subcontratação das atividades econômicas. Para Ruberti, Gelinski e Guimarães (2004), cada vez mais as empresas estão buscando a flexibilização produtiva, organizacional e de trabalho com vista a promover um processo de redução de custos, e com isso adotando práticas de terceirização ou subcontratação de atividades e levando a um significativo crescimento da importância e contribuição do setor de serviços na economia.

Conforme estudo de Melo *et alli* (1998), uma mudança estrutural que ocorreu na economia e que foi de fundamental importância para a promoção da expansão do setor de serviços foi o crescimento da prestação de serviços intermediários para a produção industrial. Segundo Melo *et alli* (1998), no que se refere às economias desenvolvidas este crescimento originou-se da introdução de inovações nos processos produtivos da indústria, mais especificadamente a revolução microeletrônica, levando ao surgimento de demandas para novas especialidades de serviços. Para os autores, tais serviços mais especializados e intensivos em conhecimento não foram, em geral, incorporados à produção manufatureira, ou seja, muitas atividades passaram a ser contratadas de empresas prestadoras de serviços, que conseguiram obter ganhos de escala e reduzir os seus custos, substituindo os serviços industriais autoproduzidos. Observa-se então uma tendência ao crescimento do movimento de terceirização e a consequente expansão do setor de serviços (terciarização).

*“A automação e a mudança tecnológica tornam o processo produtivo mais capital-intensivo e reduzem a demanda para trabalhadores na área da produção, enquanto que, com o declínio geral do emprego no setor Secundário, uma parcela crescente de trabalhadores gerenciais, técnicos e de apoio reflete a terciarização ascendente da produção e a intensificação da mudança na divisão de trabalho em grandes empresas” (KON, 1999: 47)*

Ainda tratando do artigo produzido por Melo *et alli* (1998) destaca-se que outro estímulo igualmente importante que contribuiu para o crescimento do processo de terceirização deriva-se da tendência à elevação dos custos dos serviços. Isso gerou uma pressão nos custos industriais, em virtude, por exemplo, do crescimento do movimento dos sindicatos que exigiam maiores contribuições derivadas da legislação de proteção ao trabalho. Sendo assim, muitas



empresas substituíram a autoprodução dos serviços por compras a terceiros. Outro fator que também auxiliou no crescimento da terceirização foi a dificuldade de gerenciamento de estruturas cada vez mais complexas; tornou-se mais interessante e eficiente buscar o provimento de muitas dessas atividades por intermédio do mercado. Tal movimento se verifica tanto em atividades que exigem mão-de-obra qualificada quanto em atividades de mão-de-obra desqualificada, a exemplo dos serviços de limpeza e serviços domésticos.

No entanto, na visão dos mesmos autores mencionados no parágrafo anterior, a questão do aumento dos custos do setor de serviços deve ser relativizada, uma vez que alguns subsetores podem beneficiar-se de ganhos de produtividade oriundos das novas tecnologias que surgem. Outro fator que também contribui para conter essa tendência de elevação dos custos dos serviços é a concorrência internacional, com suas inovações nos transportes e comunicações e de alterações na legislação reguladora do comércio internacional.

Schneider (1999) em seu estudo faz uma breve análise da possível interligação entre a expansão do emprego no setor terciário e a perda de qualidade do mesmo em virtude desse movimento. O autor inicia a seção defendendo que na década de 90 a maior parte dos trabalhadores expulsos da indústria se inseriu posteriormente no mercado de trabalho através de alguma atividade do setor terciário. No entanto, como a indústria possui maior vínculo formal no que se refere às relações de trabalho, haja visto que há maior percentual de trabalhadores com carteira assinada no total de empregos no setor, a ideia defendida é que estaria ocorrendo um movimento de precarização da qualidade do trabalho, uma vez que no setor terciário há maior volume de empresas de pequeno porte, que na maioria das vezes oferece empregos de baixa qualidade, com alta rotatividade do trabalho e proporção alta de trabalhadores informais.

*“Segundo Amadeo, Pero e Scandiuizzi (1996), seria plausível considerar que o aumento do emprego no Setor Terciário estivesse correlacionado, de alguma maneira, com o processo de terceirização, ou, em outras palavras, haveria uma interseção entre os processos de terceirização e terciarização do emprego, fato este que contribuiria para uma piora das condições de trabalho da economia como um todo, refletida no crescimento do grau de informalidade das relações de trabalho. Nesse sentido, o uso da terceirização com o objetivo de reduzir custos trabalhistas faz com que serviços que antes eram realizados pela própria firma, empregando trabalhadores formais, passem a ser comprados de empresas terceiras, que empregam trabalhadores sem carteira de trabalho assinada e com condições precárias de trabalho” (SCHNEIDER, 1999:24)*

Anita Kon (1999) destaca as transformações pelas quais passaram as economias em processo de industrialização, sobretudo após a Segunda Guerra Mundial, o que implicou em consequências para o processo de terceirização associado ao desenvolvimento econômico global. Desenvolveu-se um processo de concentração e centralização de capital, exigindo crescentes transformações e reestruturações na administração e controle das corporações, o que por sua vez, levou a necessidade de se aumentar o leque de serviços disponíveis e empresas atuantes. Afirma ainda que a internacionalização de capital através do processo de crescimento de empresas multinacionais elevou a demanda por serviços de financiamento, oriundos tanto do território nacional quanto do exterior. O desenvolvimento e aprimoramento de novas e altas tecnologias, a criação de empresas de caráter multidivisional e a crescente complexidade dos sistemas organizacionais nas empresas contribuíram para a expansão da terceirização de serviços e por sua vez da terceirização da economia.

Ao longo do desenvolvimento das atividades industriais no Brasil a partir de 1950, o setor de serviços veio constantemente aumentando a sua participação na composição setorial do país até os anos 90. Evidências históricas nos ajudam a entender a questão da complementaridade entre o setor industrial e o setor de serviços, conforme podemos verificar na passagem abaixo:

*“No auge do processo de industrialização, quando a produção secundária alcançou acima de 36% do produto brasileiro, a participação dos serviços neste produto também evoluiu, atingindo cerca de 54% em 1970. Até meados da década de setenta, período em que as atividades secundárias expandiram consideravelmente sua representatividade no produto gerado, o aumento paralelo da produção de serviços representou um papel complementar a estas atividades; no entanto, nos anos posteriores de recessão econômica, particularmente a partir de 1980, o continuado aumento da participação da produção de serviços no volume global de produção do país, se efetuou pela maior incorporação de pessoas no setor, porém com taxas decrescentes de produto por trabalhador” (KON; 2002:6)*

Podemos então concluir que a participação do setor de serviços na sociedade cresce paralelamente ao desenvolvimento da economia. Concluimos assim, que em sociedades capitalistas, uma das mais relevantes peculiaridades desse setor é a diversidade dos negócios e prestadores de serviços existentes, que vão desde os grandes estabelecimentos até as pequenas empresas, passando pelas ONGs e pelo governo.

O que podemos extrair dos acontecimentos e mudanças estruturais ocorridas na economia nas últimas décadas é que cada vez mais o setor de serviços vem se dinamizando, e

apresentando, sobretudo nos países mais desenvolvidos, taxas de crescimento superiores às do total da economia. Sendo assim, o setor em questão é considerado, em muitas nações, como o de maior importância quantitativa, contribuindo para compor a maior parte do PIB e da mão-de-obra empregada. O que podemos de fato afirmar é que a prestação de serviços está presente de forma cada vez mais notória na vida dos indivíduos. Este setor comporta atualmente o papel de um dos líderes na expansão econômica, tornando-se assim peça fundamental para a promoção do desenvolvimento e crescimento mundial.

O que verificamos na atualidade é uma ênfase muito grande dada ao setor de serviços, adotando-se por vezes o termo “Economia de Serviços” ou “Indústria de Serviços” como forma de evidenciar a importância de tal setor para a economia. Com a utilização desses termos abre-se caminho para a percepção a respeito da magnitude e relevância dessas atividades no que diz respeito à geração de renda, riqueza e emprego nas economias modernas. Nesse sentido, cada vez mais se faz necessário o entendimento da nova dinâmica do setor, buscando a correta compreensão da sua complexidade e de seu relacionamento com os demais setores econômicos.

Segundo Melo *et alli* (1998), a visão convencional da economia dos serviços relaciona o crescimento da taxa de participação desse setor na geração de renda e emprego ao aumento da riqueza nacional. No entanto, diversos estudos interpretativos do fenômeno do subdesenvolvimento defendem que a existência de um setor de serviços robusto não se associa necessariamente a etapas avançadas de desenvolvimento, ou seja, podemos verificar em países com distintos níveis de desenvolvimento e de renda per capita participações muito semelhantes do setor de serviços no PIB. Portanto, não podemos informar o nível de desenvolvimento de um país a partir da taxa de participação dos serviços na geração da renda e do emprego. Para os autores, para termos uma melhor compreensão do papel do setor de serviços no desenvolvimento da economia de um país deve-se analisar as características dos empregos gerados e o perfil dos novos trabalhadores, isto é, analisar variáveis como grau de instrução e especialização dos profissionais, remuneração, taxa de rotatividade, faixa etária, localização das atividades, etc.

*“A presença de um setor Serviços quantitativamente relevante, no que se refere à geração da renda e do emprego, pode estar associada tanto a uma economia de serviços moderna, própria a economias em estágios avançados de desenvolvimento, como pode ser resultante da presença de um setor serviços composto, em sua maior parte, de atividades tradicionais, portadoras de baixos níveis de produtividade e refúgio para mão-de-obra de baixa qualificação. Em outras palavras, um setor Serviços*

*quantitativamente relevante não expressa, necessariamente, modernidade econômica”*  
(MELO et alli; 1998: 2)

Tendo como ponto de partida a perspectiva do subdesenvolvimento, muitos autores costumam afirmar que algumas economias apresentariam um setor de serviços inchado, uma vez que haveria concentração fundiária e uma incapacidade do setor industrial em absorver uma crescente mão-de-obra proveniente do campo. Logo, a saída para esse problema seria a ocupação de parte da população de baixa qualificação pelas atividades de serviços, podendo isso ser considerado um caso de subemprego.

Uma das principais mudanças estruturais ocorridas na economia mundial nos últimos anos foi o crescimento do setor terciário. No Brasil não foi diferente, uma vez que o emprego terciário expandiu-se desde o processo de substituição de importações nos anos 1940.

Segundo Melo *et alli* (1998) a importância do setor de serviços é explicada por dois movimentos distintos: i) a expansão da agropecuária e da produção industrial necessitou de um aumento das atividades de distribuição de mercadorias e de serviços financeiros, ramos de atividades profundamente relacionados com a produção de bens; sendo assim a expansão dos serviços, neste caso, estaria atrelada à construção dos segmentos modernos e ii) a urbanização nos países periféricos foi acompanhada de uma elevação da força de trabalho nos serviços e na construção civil, em virtude da expulsão de mão-de-obra, como resultado da utilização de novas técnicas e à incapacidade de geração de postos de trabalho pela indústria de transformação. Sendo assim, o setor de serviços e as atividades mais tradicionais de comércio ficaram caracterizados como aqueles setores que absorveram esses trabalhadores de baixa qualificação profissional que vinham para a cidade em busca de melhores condições de vida.

*“Com baixa intensidade de capital e predominância de pequenos estabelecimentos, os serviços têm uma estrutura setorial difícil de ser monitorada por órgãos governamentais. Ademais, algumas de suas atividades não têm barreiras à entrada relevantes. Está mais sujeito, assim, à absorção de mão-de-obra expulsa de outros setores que não encontra postos de trabalho nos segmentos mais formalizados da economia. O setor Serviços assume, assim, uma função de colchão amortecedor, muitas de suas atividades servindo como refúgio dos desempregados da reestruturação industrial”* (MELO et alli; 1998: 20)

Uma vez revelada a capacidade de geração de produto, riqueza e empregos pelo setor terciário não só na economia brasileira como também em economias avançadas ou em fase de desenvolvimento, torna-se necessário analisar atentamente o papel desempenhado por esse

setor em meio ao contexto econômico global. O termo “Economia de Serviços”, que alguns autores utilizam, a exemplo de Anita Kon (2003), está associado a uma fase pós-industrial de evolução econômica. O termo pós-industrial é utilizado por Kon como forma de descrever uma economia de serviços que se desenvolveu a partir do crescimento de uma economia manufatureira. Essa visão, no entanto, não é amplamente aceita pelos estudiosos do tema, visto que existe um grupo de autores que defende que o setor de serviços, quando comparado com a manufatura, não é capaz de proporcionar elevados níveis de produtividade e rendimento; logo, contribui menos para o desenvolvimento econômico. Dentre os argumentos utilizados pelos defensores da maior produtividade manufatureira, podemos citar: os salários pagos pelo setor de serviços são significativamente inferiores aos pagos pela indústria, o setor manufatureiro é responsável pela maior parte dos gastos em pesquisa e desenvolvimento econômico e, além disso, esse setor é capaz de criar um efeito multiplicador, isto é, de estimulante de outros segmentos, bem maior do que o setor de serviços.

Em suma, o termo Economia de Serviços é um indicador do relevante papel e contribuição dessas atividades para a geração de renda, riqueza e volume de empregos nas economias modernas. Essa ideia comprova-se ao analisarmos os dados divulgados no presente estudo, que nos mostram uma participação significativa do setor terciário e, sobretudo do segmento de serviços, para o crescimento da geração de empregos no Brasil.

## CAPÍTULO 2 – ANÁLISE DE DADOS

O segundo capítulo visa analisar dados estatísticos do CAGED extraídos do site do Ministério do Trabalho e Emprego. Realizaremos primeiramente uma análise geral do período que compreende os anos de 2006 a 2012, buscando identificar os principais movimentos dos setores econômicos e dos empregos gerados, seguiremos com uma análise das principais características dos trabalhadores, da remuneração e rotatividade da mão-de-obra. Serão ainda analisados os efeitos da crise ocorrida no terceiro trimestre de 2008 no que se refere ao quadro de geração de emprego.

### II.1 – DADOS GERAIS

A presente seção, partindo de uma análise prévia da evolução do PIB brasileiro ao longo do período de 2006 a 2012, tem como um de seus objetivos verificar os efeitos da crise internacional que atingiu o Brasil no último trimestre de 2008 e ao longo de 2009, buscando verificar até que ponto a economia brasileira teria sido ou não prejudicada pelos acontecimentos externos e se os mesmos teriam provocado uma mudança no quadro de desconcentração regional dos setores econômicos, sobretudo do setor de serviços. Sendo assim, as oscilações do PIB brasileiro ao longo do período analisado serão ilustradas a partir de uma análise setorial da economia, enfatizando as contribuições do setor de serviços para a melhoria no desempenho da economia nacional.

Figura 1 – PIB e PIB per capita  
Taxa (%) de crescimento anual



Reprodução IBGE

Um aspecto interessante que podemos visualizar na Figura 1 diz respeito aos efeitos da crise internacional de 2008 sob o quadro de geração de empregos no Brasil. Verificamos que no início dos anos 2000, particularmente o período de 2001 a 2003, houve uma brusca redução do volume de empregos gerados na economia nacional. Em 2004 os indicadores econômicos do país se recuperaram e a partir daí a economia brasileira apresentou um crescimento excepcional. No último trimestre de 2008 o Brasil sentiu os reflexos da crise que atingiu o sistema financeiro internacional, que podem ser evidenciados a partir do crescimento negativo do PIB brasileiro, que fechou o ano de 2009 em -0,3%. O impacto desta crise resultou em uma redução na geração de emprego em 2008/2009, mas que logo em 2010 foi recuperada. Este cenário aquecido repercutiu favoravelmente sobre o mercado de trabalho.

<b>Tabela 1 • Geração de Emprego por Setor de Atividade Econômica • 2006/2012</b>									
<b>Setor</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>Total</b>	<b>Total (%)</b>
Extrativa Mineral	12.048	9.765	8.679	2.036	16.343	17.836	9.682	76.389	0,8
Indústria de Transformação	250.046	394.597	178.817	10.875	485.027	174.674	33.222	1.527.258	15,5
Ind. Prod. Min. Não Met.	10.261	13.588	13.183	4.486	29.192	20.722	4.315	95.747	1,0
Ind. Metalúrgica	30.974	58.105	31.903	(27.157)	74.069	21.370	(4.810)	184.454	1,9
Ind. Mecânica	20.563	47.984	23.513	(13.885)	49.500	28.883	7.980	164.538	1,7
Ind. Material Elétric. e Com.	5.627	20.582	9.016	(11.332)	25.717	20.916	2.136	72.662	0,7
Ind. Material e Transporte	10.900	49.627	14.694	(17.539)	53.620	21.086	1.062	133.450	1,4
Ind. Madeira e Mobiliário	1.854	5.703	(12.858)	(4.746)	27.250	7.317	2.785	27.305	0,3
Ind. Papel, Papelão, Editor.	10.887	11.807	11.900	(511)	16.133	4.047	(301)	53.962	0,5
Ind. Borrac., Fumo, Couros	8.168	8.299	(2.897)	9	18.498	(183)	4.027	35.921	0,4
Ind. Química, Prod. Farm., Veter.	26.078	30.486	19.462	15.113	47.869	23.135	13.355	175.498	1,8
Ind. Têxtil, Vestuário	28.134	44.570	22.045	11.843	55.224	(18.503)	(7.664)	135.649	1,4
Ind. Calçados	(402)	9.186	(8.703)	13.388	28.002	(11.188)	(11.351)	18.932	0,2
Ind. Prod. Aliment., Bebidas	97.002	94.660	57.559	41.206	59.953	57.072	21.688	429.140	4,3
Serviç. Ind. Util. Púb.	7.363	7.753	7.960	4.984	17.854	7.670	8.317	61.901	0,6
Construção Civil	85.730	176.761	197.954	177.194	254.179	148.960	70.896	1.111.674	11,3
Comércio	336.544	405.271	382.438	297.187	519.615	368.570	270.393	2.580.018	26,2
Comércio Varejista	277.381	333.883	311.242	249.466	429.705	292.127	213.541	2.107.345	21,4
Comércio Atacadista	59.163	71.388	71.196	47.721	89.910	76.443	56.852	472.673	4,8
Serviços	521.437	587.417	648.684	500.233	864.252	786.347	501.536	4.409.906	44,7
Instituições Financeiras	26.706	21.959	22.077	3.482	34.193	32.118	10.172	150.707	1,5
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	186.008	249.296	237.879	166.972	348.243	276.936	145.607	1.610.941	16,3
Transp. e Comunicações	61.938	62.130	89.490	50.946	122.240	126.084	55.519	568.347	5,8
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	164.617	170.530	184.241	162.075	235.029	220.474	142.770	1.279.736	13,0
Serviç. Médicos, Odontol.	52.387	50.569	77.669	78.866	80.200	84.406	91.229	515.326	5,2
Ensino	29.781	32.933	37.328	37.892	44.347	46.329	56.239	284.849	2,9
Administração Pública	8.273	15.268	10.341	18.071	5.627	11.498	(1.238)	67.840	0,7
Agricult., Silvicult., etc.	6.579	21.170	18.367	(15.360)	(25.944)	50.488	(24.564)	30.736	0,3
<b>Total</b>	<b>1.228.020</b>	<b>1.618.002</b>	<b>1.453.240</b>	<b>995.220</b>	<b>2.136.953</b>	<b>1.566.043</b>	<b>868.244</b>	<b>9.865.722</b>	<b>100</b>
<b>Total (%)</b>	<b>12,4</b>	<b>16,4</b>	<b>14,7</b>	<b>10,1</b>	<b>21,7</b>	<b>15,9</b>	<b>8,8</b>	<b>100</b>	

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Conforme ilustrado na Tabela 1, o setor terciário - serviços, comércio e administração pública - foi aquele que mais abriu vagas no período, contribuindo com 72% da geração de emprego, enquanto o setor secundário gerou 28% de empregos. O setor de serviços foi o que mais admitiu trabalhadores (44,7%), seguido por comércio (26,2%) e indústria de transformação (15,5%). Sendo assim, verifica-se um grande peso do setor terciário na economia nacional, sobretudo dos segmentos serviços e comércio, que juntos contribuíram com a geração de 71% de empregos no período analisado.

No que se refere à geração de emprego no setor industrial, a contribuição maior ficou a cargo da indústria de transformação, que gerou 1.527.258 novos postos de trabalho, sendo que desse total cerca de 28% refere-se à produção de alimentos e bebidas. Outros subsetores da indústria de transformação tiveram participação importante, como é o caso da indústria metalúrgica, material e transporte, química e produtos farmacêuticos, mecânica e têxtil e vestuário.

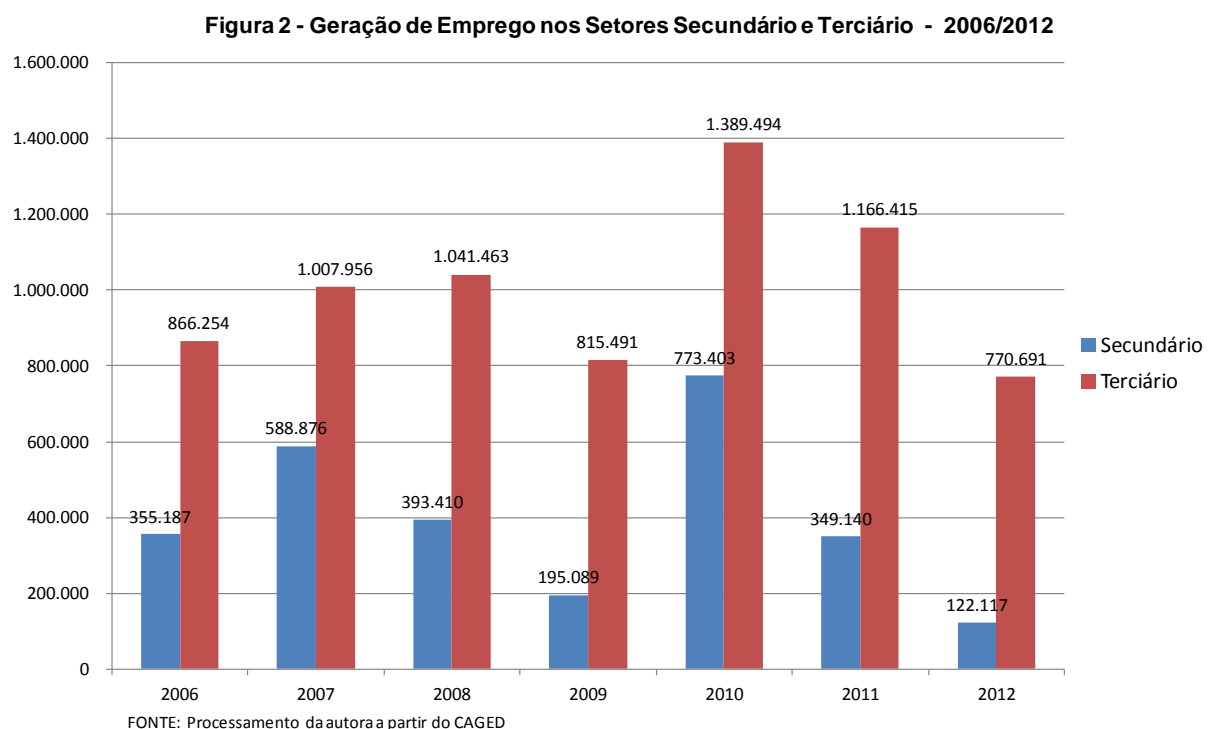
No último trimestre de 2008 o mundo desenvolvido sentiu as consequências de uma crise financeira que teve o seu epicentro nos Estados Unidos e que se espalhou pelas economias europeias e, em escala menor, pelas economias emergentes. O ano de 2009 foi bastante crítico no que se refere ao volume de empregos gerados em território nacional. Conforme podemos verificar na Tabela 1, o ano em questão contribuiu com a geração de apenas 10% do total de empregos no período. O que verificamos então, é que com os avanços econômicos e sociais pelos quais o Brasil vem passando, a economia tornou-se mais vulnerável aos indicadores externos. Em contrapartida ao mau desempenho da economia brasileira em 2009, verificamos uma forte recuperação da mesma no ano de 2010. Muitos estudiosos apontam como fatores que contribuíram fortemente para essa retomada de crescimento econômico, a adoção de políticas de governo anticíclicas, que visam suavizar as flutuações no nível da atividade econômica, e um crescimento apoiado no mercado interno. Isso explica, em grande parte, o fato do Brasil ter se recuperado rapidamente da crise de 2008, conforme podemos verificar pelo fato de 21,7% do total de empregos gerados no período corresponder ao ano de 2010, o que comprova a existência de uma retomada no nível de crescimento econômico do país.

A crise financeira desencadeada a partir do terceiro trimestre de 2008 significou uma inflexão da trajetória de crescimento da economia brasileira, que cresceu a uma taxa média anual de cerca de 5% entre 2006 e 2008. No ano de 2009 o crescimento do PIB brasileiro foi negativo, -0,3%. Conforme podemos verificar na Tabela 1, a crise afetou profundamente as



atividades econômicas brasileiras, sobretudo a industrial cujo volume de geração de emprego teve um crescimento negativo entre 2008 e 2009, -1%. Os efeitos da retração econômica sobre os setores industriais do país estão atrelados não somente à retração do mercado externo, mas também à própria desaceleração no mercado interno, dado que pode ser facilmente comprovado pela diminuição do volume de investimentos no período. Em contrapartida, o setor de serviços foi relativamente preservado, uma vez que suas vendas estão muito atreladas ao mercado interno e, segundo dados da Fundap, a manutenção da massa de rendimento internamente seguiu uma retração mais pronunciada da demanda doméstica, defendendo assim o setor dos efeitos negativos provenientes da crise.

A Figura 2 apresenta uma comparação entre os setores secundário e terciário ao longo dos anos 2006/2012. Verificamos que a geração de emprego foi sempre superior nas atividades terciárias e que a crise do último trimestre de 2008 afetou o setor secundário com maior intensidade.



Sendo assim, conforme demonstram Domingues *et alli* (2010), os impactos da crise podem ser explicados por elementos estruturais da economia, particularmente o seu caráter de encadeamento das atividades econômicas, o que implica que o efeito sobre um setor

desencadeia efeitos sobre os demais setores e, a sua intensidade dependerá das ligações existentes entre eles, das interdependências de compras/vendas de insumos e produtos. Para os autores, os efeitos negativos oriundos das crises são vários, dentre eles podemos destacar: comprometimento do setor exportador derivado da queda da demanda externa; setor de formação de capital fixo afetado pela queda do investimento; setor competidor de importações prejudicado pela diminuição dos preços externos. Em contrapartida, outros setores são menos afetados pelas crises e seus efeitos sobre a economia, como é o caso daquelas atividades dependentes da importação de insumos que em virtude da crise apresentam queda em seus preços; setores dependentes do consumo do governo, a exemplo de serviços e aqueles dependentes do consumo das famílias e das condições de financiamento, a exemplo da venda de automóveis e eletrodomésticos. Em geral, aqueles setores mais ligados ao consumo das famílias e menos dependentes do consumo do governo tiveram um desempenho positivo com a crise de 2009.

*“No cenário interno constata-se que o investimento configurou-se como o componente mais afetado pela crise (-17,4%), o que, por conseguinte, se manifesta mais fortemente sob a forma de impactos negativos nos setores ligados a este componente como Construção civil e seus insumos. O consumo das famílias e do governo, por sua vez, cresceram em 2009, e em alguns casos, pode-se dizer que foram responsáveis por manter a demanda dos setores mais dependentes destes componentes, tais como a maioria dos setores ligados a Serviços” (DOMINGUES et alli; 2010: 11)*

O Brasil superou a crise mundial mais cedo e mais rápido do que a maioria das outras economias, conforme podemos verificar pela forte recuperação do crescimento na geração de emprego no ano de 2010 (a taxa de crescimento foi de 115% em comparação ao ano de 2009) e pela taxa de crescimento de 7,5% no PIB do país, o que demonstra um reaquecimento da economia nacional. Segundo Pimentel (2010), a política econômica baseada na responsabilidade fiscal, na flexibilidade do câmbio e em metas de inflação assim como a existência de fatores estruturais favoráveis ao país, como reserva monetária superavitária, taxa de juros de viés alto (SELIC) e taxa de inflação controlada foram importantes para o bom desempenho da economia nacional pós-crise. No ano de 2010 houve no Brasil, expansão do emprego, do crédito, das vendas e do comércio. Segundo dados do Sistema FIEMG, como estratégia de consolidação da recuperação da economia brasileira, o país iniciou o ano mantendo uma política tributária, creditícia e de fomento aos gastos públicos e investimentos.

## II.2 – CARACTERÍSTICAS DOS TRABALHADORES

Um movimento do mercado do trabalho, que vem sendo observado nos últimos anos e que aqui mais uma vez se mostra evidente, é o da criação de novos postos de trabalho para indivíduos que possuem até 29 anos e a diminuição do volume de emprego destinado aos trabalhadores com idade superior a 30 anos. Ao longo dos 7 anos aqui analisados, foram gerados 68,2% de postos de trabalho para a faixa etária de 18 a 24 anos. A criação de empregos nessa faixa mostra-se superior as demais para todos os setores da economia, o que nos mostra a importância da preparação dos trabalhadores jovens.

Tabela 2 • Geração de Emprego por Faixa Etária • 2006/2012									
Setor	Até 17	18 a 24	25 a 29	30 a 39	40 a 49	50 a 64	65 ou +	Total	Total (%)
Extrativa Mineral	3.367	39.827	21.858	16.372	1.381	-5.401	-1.015	76.389	0,8
Indústria de Transformação	434.690	1.509.812	73.952	-96.002	-139.040	-227.185	-28.969	1.527.258	15,5
Serviço de Utilidade Pública	6.007	45.987	23.708	16.413	-948	-25.704	-3.562	61.901	0,6
Construção Civil	41.334	554.574	197.116	210.578	107.633	14.779	-14.340	1.111.674	11,3
Comércio	772.162	1.719.776	53.536	27.175	64.091	-36.060	-20.662	2.580.018	26,2
<b>Serviços</b>	621.959	2.654.701	762.022	505.220	167.287	-227.555	-73.728	4.409.906	44,7
Instituições Financeiras	5.896	159.471	49.291	-1.502	-21.869	-39.849	-731	150.707	1,5
Com. Adm. Imóv., Serv. Téc. Prof.	162.537	1.067.277	158.122	129.206	97.231	7.025	-10.458	1.610.940	16,3
Transp. e Comunicações	42.273	331.398	138.283	101.469	16.602	-51.193	-10.485	568.347	5,8
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	348.366	602.864	182.479	155.646	83.241	-58.272	-34.586	1.279.738	13,0
Serviç. Médicos, Odontol.	30.243	311.353	138.967	81.431	1.367	-42.009	-6.026	515.326	5,2
Ensino	32.644	182.338	94.880	38.969	-9.285	-43.257	-11.441	284.848	2,9
Administração Pública	3.193	41.832	28.194	23.923	4.157	-25.656	-7.803	67.840	0,7
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	62.087	161.210	-14.865	-46.728	-42.781	-71.409	-16.778	30.736	0,3
<b>Total</b>	<b>1.944.799</b>	<b>6.727.719</b>	<b>1.145.521</b>	<b>656.951</b>	<b>161.780</b>	<b>-604.191</b>	<b>-166.857</b>	<b>9.865.722</b>	<b>100</b>
<b>Total (%)</b>	<b>19,7</b>	<b>68,2</b>	<b>11,6</b>	<b>6,7</b>	<b>1,6</b>	<b>-6,1</b>	<b>-1,7</b>	<b>100</b>	

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Obs: Foram excluídos os trabalhadores não classificados

A geração de emprego no período esteve concentrada na faixa de trabalhadores entre 18 e 24 anos, do sexo masculino e com ensino médio completo. Salvo o setor de construção civil, que emprega mão-de-obra com baixíssima qualificação, a tendência é de maior exigência no nível de escolaridade dos trabalhadores. Os dados de escolaridade revelam que tem ocorrido destruição líquida de empregos industriais para trabalhadores que possuem ensino fundamental incompleto, exceto em setores como construção civil e comércio, que tiveram uma geração positiva de emprego para esses indivíduos menos escolarizados.

Tabela 3 • Geração de Emprego por Grau de Instrução • 2006/2012						
Setor	Fundamental Incompl.	Fund. Completo - Médio Incompl.	Médio Completo - Superior Incompl.	Superior Completo	Total	Total (%)
Extrativa Mineral	-2.933	9.824	57.750	11.741	76.382	0,8
Indústria de Transformação	-210.098	201.021	1.416.972	119.391	1.527.286	15,5
Serviço de Utilidade Pública	-9.466	15.254	49.173	6.950	61.911	0,6
Construção Civil	237.984	300.238	516.925	56.491	1.111.638	11,3
Comércio	12.353	348.452	2.062.234	156.796	2.579.835	26,2
<b>Serviços</b>	-7.229	504.483	3.220.738	691.287	4.409.279	44,7
Instituições Financeiras	1.767	235	136.454	12.255	150.711	1,5
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	67.354	183.901	1.071.839	287.919	1.611.013	16,3
Transp. e Comunicações	-33.868	89.743	483.195	29.274	568.344	5,8
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	-26.535	211.418	970.625	123.786	1.279.294	13,0
Serviç. Médicos, Odontol.	-10.135	4.419	409.308	111.646	515.238	5,2
Ensino	-5.812	14.767	149.317	126.407	284.679	2,9
Administração Pública	-17.886	3.210	52.252	30.207	67.783	0,7
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-152.009	65.631	106.425	10.462	30.509	0,3
<b>Total</b>	<b>-149.284</b>	<b>1.448.113</b>	<b>7.482.469</b>	<b>1.083.325</b>	<b>9.864.623</b>	<b>100</b>
<b>Total (%)</b>	<b>-1,5</b>	<b>14,7</b>	<b>75,9</b>	<b>11,0</b>	<b>100</b>	

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Desse resultado podemos inferir que a qualidade de emprego no país melhorou nos últimos anos, no entanto, os números mostram um cenário de demanda crescente por mão-de-obra especializada no Brasil, as empresas estão exigindo níveis de escolaridade cada vez mais elevados pra as novas vagas que surgem. Sendo assim, para acompanhar essa procura crescente por trabalhadores mais especializados e instruídos, o país precisa investir na qualificação de mão-de-obra em todas as frentes do mercado de trabalho.

Um dado interessante que podemos destacar da Tabela 3 é o alto percentual de empregos gerados para trabalhadores com ensino médio completo, 75,9% dos novos postos, que representa mais da metade do total de empregos gerados no período.

O setor de administração pública foi o que exigiu maior nível de especialização para os novos postos de trabalho que surgiram, 44,6% das vagas abertas nesse setor destinaram-se a trabalhadores com superior completo. A necessidade de alta qualificação profissional técnico científica dos funcionários públicos se deve à necessidade de um atendimento de excelência aos cidadãos, caso contrário os objetivos finais da atividade política almejada continuariam inviabilizados.

O setor de serviços encontra-se entre aqueles que mais exigiram maiores qualificações profissionais, contribuindo com a criação de 15,7% de seus novos postos de trabalho para indivíduos com nível superior completo. Essa maior exigência de nível de escolaridade para os profissionais da área de serviços se deve ao crescente processo de modernização, com a introdução de novas tecnologias no campo da informação e microeletrônica e pelo surgimento

de novos processos organizativos e gerenciais. A previsão é que cada vez mais as empresas adotarão processos modernos de produção, exigindo maiores níveis de qualificação profissional. Dentro do setor de serviços, o segmento que mais abriu vagas para profissionais com nível superior completo foi comércio e administração de imóveis e serviços técnicos profissionalizantes.

<b>Tabela 4 • Geração de Emprego por Sexo • 2006/2012</b>						
<b>Setor</b>	<b>Masculino</b>	<b>%</b>	<b>Feminino</b>	<b>%</b>	<b>Total</b>	<b>%</b>
Extrativa Mineral	63.801	0,6	12.581	0,1	76.382	0,8
Indústria de Transformação	870.971	8,8	656.316	6,7	1.527.287	15,5
Serviço de Utilidade Pública	40.419	0,4	21.492	0,2	61.911	0,6
Construção Civil	992.792	10,1	118.846	1,2	1.111.638	11,3
Comércio	1.298.298	13,2	1.281.538	13,0	2.579.836	26,2
<b>Serviços</b>	<b>2.201.120</b>	<b>22,3</b>	<b>2.208.159</b>	<b>22,4</b>	<b>4.409.279</b>	<b>44,7</b>
Instituições Financeiras	61.660	0,6	89.051	0,9	150.711	1,5
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	857.189	8,7	753.825	7,6	1.611.014	16,3
Transp. e Comunicações	443.442	4,5	124.902	1,3	568.344	5,8
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	618.705	6,3	660.587	6,7	1.279.292	13,0
Serviç. Médicos, Odontol.	119.843	1,2	395.395	4,0	515.238	5,2
Ensino	100.281	1,0	184.399	1,9	284.680	2,9
Administração Pública	6.019	0,1	61.764	0,6	67.783	0,7
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-4.510	0,0	35.019	0,4	30.509	0,3
<b>Total</b>	<b>5.468.910</b>	<b>55,4</b>	<b>4.395.715</b>	<b>44,6</b>	<b>9.864.625</b>	<b>100</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

No que se refere ao sexo dos trabalhadores, percebemos que do total de empregos gerados no período, a maior parte dele foi ocupada por profissionais do sexo masculino, 55,4%. No setor de serviços, verificamos que a geração de emprego foi praticamente semelhante tanto para trabalhadores do sexo masculino quanto para trabalhadores do sexo feminino, ambos contribuindo com cerca de 22% para a geração total de emprego no período. Dentro desse setor, o que podemos destacar é que profissionais do sexo feminino possuíram mais espaço nos segmentos: instituições financeiras; serviços de alojamento, alimentação, reparação e manutenção; serviços médicos e odontológicos; ensino. Já no setor industrial, a geração de emprego se concentrou majoritariamente nos trabalhadores do sexo masculino, 20% do total de empregos gerados no período, contra 8% destinados à profissionais do sexo feminino.

## II.3 – REMUNERAÇÃO E ROTATIVIDADE DA MÃO-DE-OBRA

Conforme podemos verificar na Tabela 5, a massa de trabalhadores admitidos ganhava em média 1,3 salário mínimo (SM), enquanto os que foram desligados recebiam cerca de 1,4 SM. Tal fato deve-se, principalmente, ao processo de rotatividade entre trabalhadores experientes e jovens. Um movimento natural da economia é os trabalhadores mais velhos e, esperadamente mais experientes, possuírem salários mais elevados do que aqueles que estão ingressando agora no mercado de trabalho. Portanto, o fato comprovado na tabela de trabalhadores desligados receberem maiores salários do que os trabalhadores admitidos, decorre dos primeiros serem indivíduos mais velhos, com maior experiência e anos de trabalho, enquanto os trabalhadores admitidos, em geral, são aqueles indivíduos mais novos, menos especializados e que conseqüentemente recebem menores salários. Podemos dividir em dois grupos os fatores a serem apontados para o desligamento dos trabalhadores: i) fatores alheios à vontade das empresas como, aposentadoria, morte ou demissão voluntária e ii) fatores decorrentes da vontade das empresas como demissão, isto é, substituição de trabalhadores.

<b>Tabela 5 • Remuneração Média de Admitidos e Desligados • 2006/2012</b>			
<b>Setor</b>	<b>Admitidos</b>	<b>Desligados</b>	<b>GE</b>
Extrativa Mineral	2,0	2,1	2,1
Indústria de Transformação	1,3	1,5	1,4
Serviço de Utilidade Pública	1,5	1,9	1,7
Construção Civil	1,4	1,5	1,5
Comércio	1,1	1,2	1,2
<b>Serviços</b>	1,4	1,5	1,4
Instituições Financeiras	2,8	4,2	3,4
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	1,5	1,5	1,5
Transp. e Comunicações	1,5	1,6	1,5
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	1,1	1,2	1,2
Serviç. Médicos, Odontol.	1,6	1,8	1,7
Ensino	1,4	1,7	1,6
Administração Pública	1,7	1,8	1,8
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	0,9	1,0	1,0
<b>Total</b>	<b>1,3</b>	<b>1,4</b>	<b>1,3</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED  
Em Salários Mínimos do ano

Da análise da Tabela 5, podemos inferir ainda que muitas empresas desligam empregados para contratar trabalhadores com salários menores. No período, a remuneração média dos desligados era de 1,4 SM, enquanto dos admitidos era de 1,3 SM.

A alta taxa de rotatividade vem se mostrando como uma característica do mercado de trabalho brasileiro e que ocorre por causa dos ajustes de mão-de-obra promovidos pelas

empresas. No entanto, a rotatividade é um dos principais fatores geradores da precarização das relações trabalhistas, isto é, à medida que as regras para o desligamento de funcionários se tornam mais flexíveis e os vínculos de trabalho se tornam mais informais, mais os empregadores tiram proveito da oferta de mão-de-obra, reduzindo os seus custos. Sendo assim, a taxa de rotatividade é um indicador importante para pontuar os níveis de informalidade da economia, de instabilidade no que se refere às remunerações e de acesso do trabalhador à proteção social e Previdenciária.

As taxas de rotatividade serão medidas nesse trabalho a partir do tempo médio de permanência de um indivíduo no emprego e a quantidade de reposições realizadas pelas empresas. Sendo assim, podemos dizer que quanto menor é a taxa de rotatividade, menor também é a reposição e maior é o tempo médio de permanência dos trabalhadores em seus empregos. O nível de atividade econômica afeta a rotatividade, ou seja, em uma conjuntura recessiva ela tende a diminuir, uma vez que ao despedir um funcionário a empresa não tende a contratar outro em seu lugar e os próprios funcionários evitam pedir demissão, com receio de não encontrarem melhores oportunidades no mercado de trabalho, segundo professor Pastore (1987). Em momentos de aquecimento da economia a rotatividade aumenta por iniciativa da empresa e dos empregados.

<b>Tabela 6 • Desligamentos por Faixa de Tempo de Emprego (Meses) • 2006/2012</b>							
<b>Faixas</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>
<b>1,0 a 2,9</b>	2.280.312	2.551.896	3.204.304	3.027.687	3.655.459	3.901.919	4.018.868
<b>3,0 a 5,9</b>	2.046.307	2.240.054	2.741.581	2.631.781	3.187.873	3.854.067	3.955.298
<b>6,0 a 11,9</b>	2.426.271	2.628.892	3.184.271	3.292.261	3.601.131	4.122.476	4.177.696
<b>12,0 a 23,9</b>	1.906.623	2.076.474	2.394.813	2.584.471	2.707.485	3.122.491	3.311.280
<b>24,0 a 35,9</b>	892.124	1.018.830	1.122.510	1.128.335	1.286.284	1.329.858	1.422.713
<b>36,0 a 59,9</b>	802.213	851.545	985.945	979.011	1.003.971	1.140.642	1.135.068
<b>60,0 a 119,9</b>	563.094	605.585	669.329	662.877	666.646	713.441	716.877
<b>120,0 ou Mais</b>	226.648	231.211	260.619	285.843	259.898	287.893	298.783
<b>Total</b>	<b>11.143.592</b>	<b>12.204.487</b>	<b>14.563.372</b>	<b>14.592.266</b>	<b>16.368.747</b>	<b>18.472.787</b>	<b>19.036.583</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

O aquecimento do mercado de trabalho ao longo do período analisado e a falta de mão-de-obra em alguns setores estão levando os trabalhadores a trocarem mais de emprego. A análise da Tabela 6 nos informa que o índice de pessoas que ficam menos de um ano no emprego vem aumentando significativamente desde 2006. O que percebemos é que o percentual de crescimento dos desligamentos por faixa de tempo de emprego teve um

crescimento positivo em todas as faixas, no entanto o seu nível foi maior nas faixas inferiores, isto é, os trabalhadores estão permanecendo menos em seus postos de trabalho.

Tabela 7 • Distribuição Percentual de Desligamentos por Faixa de Tempo de Emprego (Meses) • 2006/2012									
Faixas	Extrativa mineral	Indústria de transformação	Serv. Ind. de Utilidade Pública	Construção Civil	Comércio	Serviços	Administração Pública	Agrop., extr vegetal, caça e pesca	Total
1,0 a 2,9	12,9	18,7	16,8	26,2	20,0	20,4	7,7	29,9	21,3
3,0 a 5,9	14,9	17,7	16,0	25,0	17,8	18,8	11,6	24,1	19,4
6,0 a 11,9	21,4	22,0	17,8	26,7	21,4	20,4	31,7	23,9	22,0
12,0 a 23,9	19,9	17,2	16,8	13,8	19,3	17,9	20,5	10,2	17,0
24,0 a 35,9	9,7	8,4	8,6	4,0	8,9	8,4	8,9	4,5	7,7
36,0 a 59,9	9,4	7,7	8,1	2,6	7,3	7,1	6,7	3,8	6,5
60,0 a 119,9	7,2	5,6	6,9	1,3	4,3	4,9	5,5	2,6	4,3
120,0 ou Mais	4,7	2,6	9,0	0,3	1,1	2,1	7,5	1,0	1,7
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Da análise da Tabela 7 percebemos que os setores que apresentam maiores taxas de rotatividade são construção civil; agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca; comércio e serviços. A visualização dessa informação se dá através da análise das faixas inferiores de tempo de emprego, isto é, para esses setores percebemos que há grande volume de desligamentos em tais faixas. Grande parte dos trabalhadores permanece menos de um ano em seus postos de trabalho. Nos setores de construção civil, agricultura e comércio, a alta taxa de rotatividade pode ser explicada por fatores sazonais, períodos em que há uma maior ou menor demanda por produtos e serviços. Construção civil e agropecuária, extrativa vegetal, caça e pesca obtiveram o maior índice de desligamentos com menos de um ano de emprego, ambos totalizando 78%, para as faixas de desligamentos com menos de um ano de emprego; tais índices de ambos os setores foram superiores à média nacional, de 62,7%. O setor de Comércio foi outro que também apresentou altos índices de desligamentos para as faixas inferiores, totalizado 59% para desligamentos com menos de um ano de trabalho.

A partir da análise do comportamento das taxas de rotatividade podemos afirmar que existe grande instabilidade no comportamento do emprego no setor de serviços. O que acontece nas atividades de serviços é que, em geral, os trabalhadores permanecem pouco tempo em seus postos de trabalho, conforme podemos verificar pelo alto índice de desligamentos para as faixas inferiores de tempo de trabalho. No período em questão houve 59,6% de desligamentos



no setor de serviços com menos de um ano de emprego, dado que comprova a alta rotatividade no setor, sendo pouco menor do que a média nacional, 62,7%.

Analisando o setor de serviços a partir da Tabela 8, verificamos que a geração de emprego se mantém na faixa entre 1 e 1,5 SM, contribuindo com a geração de 64% de novos postos de trabalho. A faixa salarial de até 1 SM também foi grande geradora de empregos, 27%. Dentro desta faixa, os subsetores que mais se destacaram foram: comércio e administração de imóveis e serviços técnicos, 40% e serviços de alojamento, alimentação, reparação e manutenção, 32%. Inserimos então que estas são ocupações que exigem menores níveis de qualificação e grau de instrução (já ilustrado anteriormente) e por consequência estão associadas a uma menor remuneração de seus trabalhadores.

Em contrapartida, verificamos que o subsetor serviços médicos e odontológicos é aquele que confere aos trabalhadores empregados maiores salários, visto que ele é o único subsetor que apresenta geração de emprego positiva para as faixas de salário mais elevadas, de 4,01 a 5,0 SM e de 5,01 a 7,0 SM. Fazendo um paralelo com a tabela de grau de instrução, anteriormente apresentada, podemos dizer que esse subsetor exige maiores níveis de qualificação para os seus profissionais e oferece aos mesmos melhores remunerações.

Tabela 8 • Geração de Emprego no Setor de Serviços por Faixa de Salário • 2006/2012														
Faixas	Instituições Financeiras	%	Com. Adm. de Imóv., Serv. Téc. Prof.	%	Transp. e Comunicações	%	Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	%	Serviç. Médicos, Odontol.	%	Ensino	%	Total	%
Até 1,0	11.660	7,7	470.395	29,3	108.617	19,2	384.526	30,5	88.431	17,2	122.956	47,6	1.186.585	27,3
1,01 a 1,5	22.939	15,2	1.006.229	62,8	372.512	65,7	950.821	75,5	296.630	57,8	141.199	54,7	2.790.330	64,1
1,51 a 2,0	26.616	17,6	177.077	11,0	187.667	33,1	139.832	11,1	82.638	16,1	33.270	12,9	647.100	14,9
2,01 a 3,0	155.407	103,0	-10.458	-0,7	12.699	2,2	-76.050	-6,0	25.092	4,9	3.988	1,5	110.678	2,5
3,01 a 4,0	15.281	10,1	-22.077	-1,4	-48.780	-8,6	-57.686	-4,6	20.556	4,0	-6.081	-2,4	-98.787	-2,3
4,01 a 5,0	-14.265	-9,5	-5.172	-0,3	-18.954	-3,3	-26.186	-2,1	4.176	0,8	-3.466	-1,3	-63.867	-1,5
5,01 a 7,0	-25.894	-17,2	-9.636	-0,6	-18.619	-3,3	-27.700	-2,2	2.017	0,4	-6.790	-2,6	-86.622	-2,0
7,01 a 10,0	-15.366	-10,2	8.086	0,5	-10.129	-1,8	-11.660	-0,9	-1.169	-0,2	-7.682	-3,0	-37.920	-0,9
10,01 a 15,0	-9.718	-6,4	-433	0,0	-8.234	-1,5	-7.283	-0,6	-1.905	-0,4	-9.310	-3,6	-36.883	-0,8
15,01 a 20,0	-6.964	-4,6	-917	-0,1	-4.112	-0,7	-3.009	-0,2	-1.056	-0,2	-4.440	-1,7	-20.498	-0,5
Mais de 20	-8.884	-5,9	-9.649	-0,6	-6.050	-1,1	-5.666	-0,4	-2.288	-0,4	-5.436	-2,1	-37.973	-0,9
Total	150.812	100	1.603.445	100	566.617	100	1.259.939	100	513.122	100	258.208	100	4.352.143	100

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Uma vez estabelecidas as características dos empregos gerados e do perfil dos trabalhadores no período, partiremos para uma análise mais voltada à identificação de um movimento de desconcentração das atividades do setor terciário, especialmente das atividades de serviços. Buscaremos na próxima seção identificar se estaria havendo no período recente um movimento para o setor de serviços semelhante ao movimento de redução da concentração regional das atividades econômicas no setor industrial. Procuraremos ainda apresentar

argumentos e dados empíricos que comprovem a tese de complementaridade entre o setor industrial e o setor de serviços.

## **CAPÍTULO 3 – ANALISANDO O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DAS ATIVIDADES ECONÔMICAS**

Adotando-se o pressuposto de que estaria de fato ocorrendo um processo de desconcentração regional da atividade industrial em território brasileiro, buscaremos analisar até que ponto tal fato seria aplicável ao setor de serviços. Utilizaremos para isso dados regionais e estaduais, procurando identificar movimentos de desconcentração e interiorização da produção nas atividades econômicas.

### **III.1 O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DA INDÚSTRIA**

A análise do desenvolvimento regional da indústria em território brasileiro tem sido alvo de estudo de muitos autores. O processo de desconcentração industrial possui diversas interpretações no que se refere à realocação espacial das indústrias. Há visões que defendem a existência de um notável processo de desconcentração regional, enquanto outras apontam para a diminuição do seu ritmo ou até mesmo uma estagnação. Segundo Paiva (2012), podemos concluir que há uma grande diversidade do tema em questão, não existindo uma tese unânime no que se refere à trajetória seguida pela indústria brasileira.

O presente estudo adotará a interpretação de que de fato estaria ocorrendo uma nítida tendência de redução da importância relativa das principais regiões metropolitanas, sobretudo no caso de São Paulo e Rio de Janeiro. Paiva (2012) defende que estaria ocorrendo um movimento de deslocamento da indústria do eixo tradicional de produção das capitais e regiões metropolitanas para o interior dos principais estados industrializados e em alguns estados fora do eixo Sul/Sudeste.

*“As deseconomias de aglomeração incentivam a busca, por parte dos empresários de novos locais para produzir. A presença de incentivos fiscais, os salários mais baixos nas regiões menos desenvolvidas e as concessões de terrenos têm provocado alterações no padrão locacional da indústria beneficiando regiões médias caracterizadas por maior dinamismo. Essas regiões acabam sendo receptoras de novos investimentos que culminam em grande crescimento do volume de empregos, do número de estabelecimento e da massa salarial” (PAIVA, 2012: 7)*

Segundo Saboia (2011), há uma forte evidência de que o processo de desconcentração regional da indústria estaria tendo continuidade no país, entretanto, ele estaria acontecendo de maneira diferenciada de acordo com cada região e setor. Os índices de concentração regional

utilizados na sua análise revelam uma nítida redução na última década. E ainda podem ser identificadas diversas mesorregiões de porte médio que se destacaram pelo aumento da densidade de suas atividades industriais, sobretudo na região Sul do Brasil.

A concentração do capital nos grandes centros urbanos acabou promovendo um significativo crescimento no preço dos imóveis, congestionamento das redes de transporte e comunicações, exaustão de reservas de matérias-primas e energia e elevação no custo da mão-de-obra. Dessa forma, as atividades industriais começaram a se dirigir para cidades, geralmente de porte médio ou pequeno, que ofertassem melhores condições de infraestrutura urbana, maiores e mais baratas áreas disponíveis para expansão de suas atividades e incentivos fiscais concedidos pelo governo. O que ocorreu foi uma reorganização na distribuição geográfica da indústria, ela começou a deixar os grandes polos tradicionais de produção e se conduzir para regiões até então pouco ou nada especializadas na produção industrial. Aos poucos essas regiões foram ganhando *know how* no que se refere à produção industrial, aumentando assim a sua importância como centro produtor, passando a atrair outros tipos de atividades econômicas e gerando volume cada vez maior de investimentos na região.

Saboia em sua análise nos revela que no interior das 25 principais mesorregiões industriais do período de 1997 a 2007 houve perda relativa em termos de emprego no que se refere às quatro principais regiões metropolitanas do país – São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. Juntas, elas contribuíam com 37,2% do emprego em 1997 e 28% em 2007. Ainda que tenha ocorrido uma queda na concentração da indústria nesses territórios, o fato de apenas quatro mesorregiões possuírem quase 30% do emprego total é algo extremamente relevante, confirmando os desníveis regionais na indústria. O autor chega à conclusão de que ainda havendo forte concentração dos empregos e atividades industriais nos grandes centros tradicionais de produção, o processo de desconcentração industrial foi forte no período, com perda limitada às principais regiões metropolitanas do país, beneficiando de forma relativamente generalizada as demais mesorregiões.

*“Os resultados são inequívocos, apontando para uma nítida desconcentração mesorregional do emprego industrial, independentemente do tipo de indústria considerada. Utilizando-se, por exemplo, o CR10, há queda de 55,5% para 47,8% no segmento de commodities, de 76,7% para 68,5% nos difusores/duráveis e de 48,5% para 40,8% nos tradicionais” (SABOIA, 2010: 11)*

O que podemos extrair dos diversos estudos realizados em torno do tema é que além de ter havido um processo de desconcentração intra-regional, com o deslocamento das indústrias para fora da região metropolitana do país, sobretudo de São Paulo e Rio de Janeiro, e o seu alojamento em cidades do interior ou em outros estados da região Sudeste, ocorreu também uma desconcentração em âmbito nacional. No entanto, esse processo não conseguiu de fato eliminar as grandes disparidades de distribuição da produção industrial do país, isto é, ainda que venha ocorrendo um processo de desconcentração industrial, a geração de emprego se manteve concentrada nas regiões Sul e Sudeste.

Segundo Diniz e Crocco (1996), as mudanças tecnológicas e a reestruturação produtiva aumentaram o impacto sobre a criação, regionalização e o dinamismo das novas áreas industriais. E em adição a isso, devemos mencionar o forte impacto, na década de 1990, da abertura externa da economia brasileira e, em especial, da criação do MERCOSUL, na dinâmica regional.

O crescimento da infraestrutura econômica contribuiu significativamente para o processo de desconcentração industrial. O sistema de transportes, energia e telecomunicações foram fundamentais para alargar e integrar o mercado brasileiro, permitindo o surgimento de novos polos industriais, sobretudo em cidades de porte médio. As mudanças tecnológicas ocorridas em torno da informática, eletrônica e telecomunicações permitiram a existência de um maior e mais facilitado controle a distância dos processos e atividades produtivas, promovendo assim a desconcentração industrial, com a instalação de fábricas modernas em diversos pontos do país.

*“As indústrias intensivas em mão-de-obra migraram para regiões onde o custo do trabalho era inferior à média nacional. Empresas intensivas em matérias-primas migraram para regiões onde os recursos naturais eram mais abundantes e baratos. Já os setores intensivos em capital e mão-de-obra especializada continuaram no eixo Sul/ Sudeste, sendo que o estado de São Paulo perdeu parte de sua participação para os demais estados do eixo, principalmente nos setores de metalurgia e mecânica”*  
(BARROS, SABOIA, KUBRUSLY, 2008:7)

Há condições essenciais que permitem a existência do processo de desconcentração industrial: i) existência de um sistema de transporte eficaz, de forma a possibilitar que os centros de produção se localizem em regiões mais distantes das fontes de matérias-primas e mercados consumidores; ii) desenvolvimento e aprimoramento da ciência e da técnica, permitindo uma elevação da especialização das regiões, com a possibilidade de separação da

produção dos centros de decisão e comércio; iii) desenvolvimento das telecomunicações, permitindo a separação entre a unidade produtiva e os centros de gerenciamento, o que por sua vez permitem que os centros administrativos se localizem em regiões com melhores ofertas de serviços, enquanto as fábricas e centros de produção se localizam nas regiões com mão-de-obra mais barata e/ou maior disponibilidade de matéria-prima. Nesse sentido, podemos dizer que há certa complementaridade e interdependência entre a produção industrial e o setor de comércio e serviços, conforme podemos verificar na passagem abaixo:

*“No final do século XX, os avanços das TIC’s (tecnologias de informação e comunicação), de alta performance tecnológica, grande agregação de valor e transferência de know-how, têm mostrado sua importância e grande contribuição para o aumento da produtividade em todos os setores, fazendo dos serviços parte essencial na reestruturação produtiva pós-industrial. “A interação entre serviços e a produção manufatureira se tornou a força impulsionadora da geração de riqueza” (Illeris apud KON, 2006, p. 248)” (BASTOS, PEROBELLI E SOUZA, 2008:5)*

Bastos, Perobelli e Souza (2008) argumentam que na literatura especializada, o setor de serviços quase sempre apareceu em comparação ao setor industrial, seja no que se refere à produtividade, seja no que se refere à capacidade de geração de emprego. Citam os autores Cohen e Zysman (1987) salientando que estes defendem não ser possível dissociar serviços e manufatura. Citam ainda Bresser Pereira (1989), em passagem que defende que o desenvolvimento e crescimento do setor de serviços é algo essencial para a dinâmica das economias capitalistas, uma vez que na medida em que a produtividade se eleva na indústria, o excedente produzido passa a ser utilizado no desenvolvimento dos serviços, estes por sua vez podem tornar mais eficiente a produção industrial ou mesmo propiciar melhor qualidade de vida e consumo aos indivíduos.

Bastos, Perobelli e Souza (2008), buscam realizar uma avaliação em relação à causalidade entre o setor industrial e o de serviços. Utilizam para isso dados trimestrais do PIB dos setores industrial e de serviços brasileiros no período pós Plano Real. Como conclusão do estudo dos autores acima mencionados, temos que de fato há uma relação de bicausalidade entre os setores industriais e de serviços na região Sudeste, deixando assim evidente a presença de uma relação de interdependência entre ambos. Nas palavras dos autores:

*“De forma geral, as regiões de crescimento mais acelerado são aquelas de economias mais diversificadas, e onde tanto atividades de Serviços quanto Indústria se mostram dinâmicas. Estas conclusões corroboram o resultado do teste de Causalidade de Granger, no qual se mostra que há interação significativa entre os setores e, confirmam ainda a teoria econômica sobre o Setor Terciário anteriormente exposta a qual afirma que o dinamismo das economias recentes está justamente na interação e diversidade entre estes setores” (BASTOS, PEROBELLI E SOUZA, 2008:17)*

### III.2 O PROCESSO DE DESCONCENTRAÇÃO REGIONAL DO SETOR DE SERVIÇOS

Conforme podemos observar na Figura 3, a região Sudeste, conforme esperado, foi a que mais gerou empregos no período de 2006 a 2012, representando 55,8% do total. Em seguida encontramos a região Sul com a geração de 18,8% dos novos postos de trabalho, seguida pelo Nordeste (15,3%), Centro-Oeste (6,4%) e Norte (3,7%).

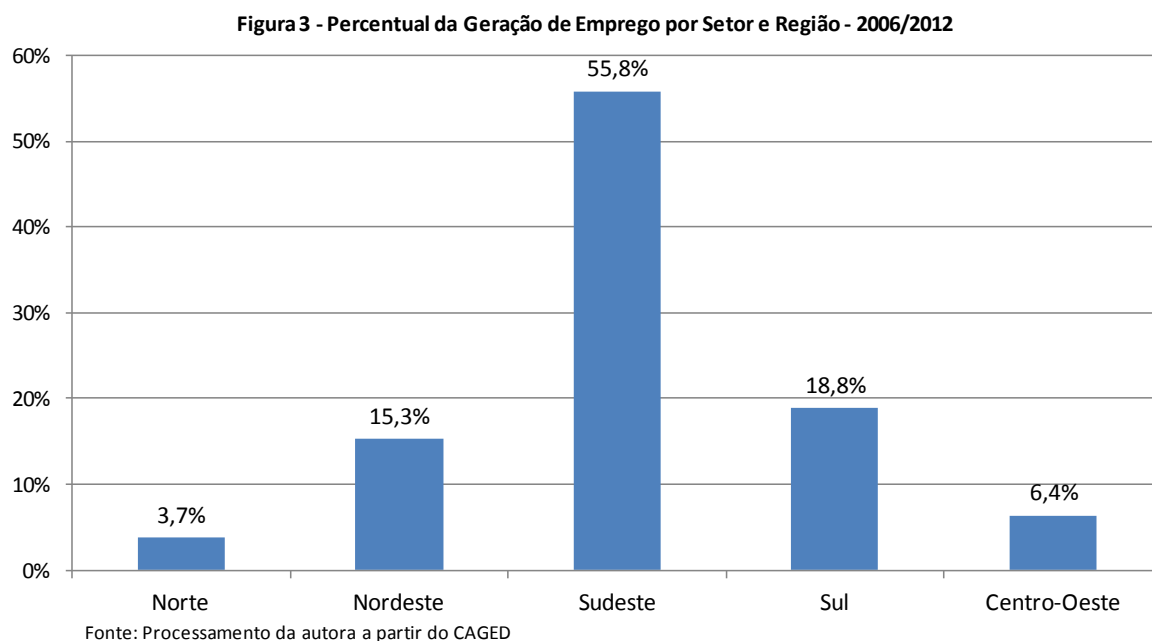


Tabela 9 • Geração de Emprego por Setor e Região • 2006/2012							
Setor	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste	Total	Total (%)
Extrativa mineral	13.966	10.123	41.234	5.890	5.169	76.382	0,8
Indústria de transformação	27.756	208.347	745.223	431.716	114.245	1.527.287	15,5
Serviços Industr de Utilidade Pública	3.096	9.833	31.452	14.248	3.282	61.911	0,6
Construção Civil	70.747	256.213	559.176	160.458	65.044	1.111.638	11,3
Comércio	109.252	422.780	1.362.242	526.198	159.364	2.579.836	26,2
<b>Serviços</b>	141.569	606.258	2.697.913	703.898	259.641	4.409.279	44,7
Instituições Financeiras	6.835	16.475	88.162	27.488	11.751	150.711	1,5
Com. Adm. Imóv., Serv. Téc. Prof.	31.577	214.407	1.042.551	235.313	87.166	1.611.014	16,3
Transp. e Comunicações	21.465	63.290	355.937	96.601	31.051	568.344	5,8
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	52.338	177.664	751.046	216.084	82.160	1.279.292	13,0
Serv. Médicos, Odontol.	18.824	89.693	300.148	77.484	29.089	515.238	5,2
Ensino	10.530	44.729	160.069	50.928	18.424	284.680	2,9
Administração Pública	752	6.405	51.185	9.866	-425	67.783	0,7
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	1.528	-11.370	13.850	6.346	20.155	30.509	0,3
<b>Total</b>	<b>368.666</b>	<b>1.508.589</b>	<b>5.502.275</b>	<b>1.858.620</b>	<b>626.475</b>	<b>9.864.625</b>	<b>100</b>
<b>Total (%)</b>	<b>3,7</b>	<b>15,3</b>	<b>55,8</b>	<b>18,8</b>	<b>6,4</b>	<b>100</b>	

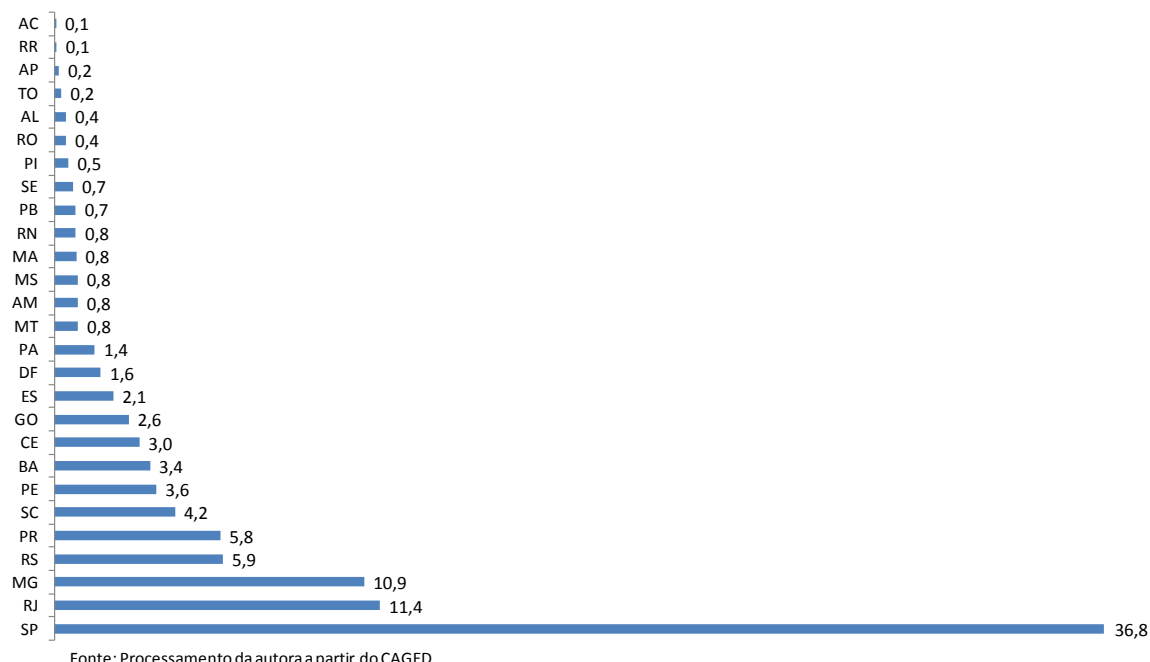
Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Um dado interessante, que podemos visualizar na Tabela 9, corresponde ao grande volume de empregos gerado nos setores de serviços e comércio. Juntos esses setores perfazem 71% do total dos empregos originados no período. Este fato é verificado para todas as regiões brasileiras, desde o Sudeste ao Norte. Deste dado podemos extrair a relevância desses dois setores no quesito admissão de trabalhadores e observar o peso do setor terciário, em especial o setor de serviços, para a economia do país.

No que se refere ao setor industrial, podemos observar que a maior parte dos empregos gerados no país se concentrou na indústria de transformação. O Sudeste, por sua vez, foi o que mais contribuiu para o elevado volume de novos postos de trabalho para o setor, 1.377.085 empregos. Em termos relativos, a região Sul foi a que carregou o peso maior na geração de empregos na indústria de transformação, ou seja, dentre o total de empregos gerados nessa região 23,2% corresponderam a esse tipo de atividade industrial.



**Figura 4 - Distribuição Percentual da Geração de Emprego no Setor de Serviços por Unidade da Federação - 2006/2012**



Utilizando-se o índice de concentração CR5, que nesse estudo englobam os cinco maiores geradores de empregos no período, a Figura 4 nos mostra que a geração de emprego no setor de serviços se manteve concentrada nas regiões Sul e Sudeste, responsáveis por cerca de 71% dos novos empregos. Destaque para o estado de São Paulo, que responde sozinho por 36,8% da geração de emprego no período. Sendo assim podemos inferir que há no Brasil ainda hoje um forte quadro de concentração espacial do setor de serviços nos polos tradicionais, localizados no eixo Sul/Sudeste, ainda que venhamos constatando movimento recente de diminuição da concentração das atividades econômicas.

Apesar de tal visão estar sendo de fato comprovada nos dados apresentados nesta seção, não devemos deixar de analisar um movimento recente dos setores econômicos em direção ao interior dos principais estados industrializados. A retomada do crescimento econômico após a crise no início da década, que deslocou o setor produtivo em direção ao interior em busca de menores salários e vantagens fiscais, fez com que as microrregiões de capitais voltassem a ocupar papel importante na geração de empregos. No entanto, o interior ainda responde pela maior parte dos empregos gerados, principalmente nas regiões mais desenvolvidas do Centro-Sul, onde a infraestrutura dos grandes centros encontra-se saturada. Nas regiões Norte e

Nordeste, a geração de emprego nas capitais ainda é bastante expressiva, reflexo de um processo de desenvolvimento econômico ainda em andamento.

*“Há forte evidência de que o processo de desconcentração regional da indústria estaria tendo continuidade no país, porém de forma diferenciada segundo a região e o setor considerado. Os diversos índices de concentração regional apresentam clara redução na última década. Podem ainda ser identificadas diversas mesorregiões de porte médio que têm se destacado pelo aumento da densidade de suas atividades industriais, especialmente na região Sul do país” (SABOIA, 2011: 5)*

<b>Tabela 10 • Distribuição Percentual da Geração de Emprego nos Setores da Economia por UF • 2006/2012</b>						
<b>UF</b>	<b>Indústria</b>	<b>Comércio</b>	<b>Serviços</b>	<b>Administração Pública</b>	<b>Agropecuária, Extr. Vegetal, Caça e Pesca</b>	<b>Total (100%)</b>
Rondônia	49,0	23,1	25,3	1,8	0,9	72.302
Acre	5,6	63,4	50,0	-17,9	-1,1	4.808
Amazonas	38,1	22,5	38,6	0,1	0,7	93.693
Roraima	25,1	35,4	42,2	0,3	-2,9	8.993
Pará	23,9	33,7	41,4	0,3	0,7	152.300
Amapá	14,3	36,3	49,7	-0,1	-0,3	14.409
Tocantins	15,9	39,0	48,5	-1,0	-2,4	22.161
Maranhão	19,4	42,5	40,3	0,1	-2,4	84.375
Piauí	30,9	34,5	32,0	0,2	2,5	67.336
Ceará	31,0	27,4	40,1	1,1	0,4	328.100
R. G. Do Norte	31,9	37,9	37,5	0,3	-7,7	89.633
Paraíba	39,7	30,4	32,7	0,2	-3,0	100.034
Pernambuco	37,2	22,1	41,4	-0,1	-0,5	381.117
Alagoas	12,4	41,5	53,3	-0,6	-6,6	34.245
Sergipe	36,1	21,8	36,8	0,7	4,6	78.943
Bahia	29,9	27,2	42,9	0,7	-0,6	344.806
Minas Gerais	30,1	26,0	44,2	0,8	-1,1	1.082.595
Espírito Santo	27,1	29,1	47,7	-0,8	-3,1	191.394
Rio de Janeiro	27,9	20,9	51,9	-0,8	0,1	968.901
São Paulo	22,4	25,2	49,8	1,6	1,0	3.259.385
Paraná	34,6	27,9	35,8	0,8	0,9	717.769
Santa Catarina	35,0	27,6	37,3	0,9	-0,7	499.981
R. G. Do Sul	29,4	29,4	40,7	-0,1	0,6	640.870
Mto. Gr. Do Sul	36,0	27,6	39,4	-2,1	-0,8	91.450
Mato Grosso	29,1	30,9	31,5	-0,5	9,0	116.927
Goiás	33,3	23,7	39,3	0,3	3,5	291.846
Distrito Federal	18,8	22,9	57,1	1,0	0,2	126.252
<b>Total</b>	<b>28,2</b>	<b>26,2</b>	<b>44,7</b>	<b>0,7</b>	<b>0,3</b>	<b>9.864.625</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Considerando a geração de emprego nos setores da economia, verificamos através dos dados contidos na Tabela 10, uma forte semelhança no que se refere à distribuição no Estado de

São Paulo, o maior gerador de empregos no período analisado, e o restante do país. Um dado interessante que podemos destacar é a forte participação do setor de serviços no estado (49,8%), que chega a ser maior do que a participação do mesmo setor no restante do país (44,7%). Estabelecendo um paralelo com a Tabela 11, que apresenta a geração de emprego no setor de serviços segundo a Unidade da Federação (UF), percebemos que os segmentos de serviços que mais contribuíram com a abertura de novos postos de trabalho em São Paulo foram comércio e administração de imóveis e serviços técnicos profissionalizantes (38,6%) e serviços de alojamento, alimentação, reparação e manutenção (27,3%).

Na Tabela 10, o destaque do setor de comércio fica a cargo dos estados do Acre (63,4%), Maranhão (42,5%), Alagoas (41,5%) e Tocantins (39%). Os demais estados, em geral, se aproximam da média nacional de 26,2%. Na indústria o maior volume de empregos gerados se concentrou em Rondônia (49%), Paraíba (39,7%), Amazonas (38,1%) e Pernambuco (37,2%). Um dado interessante que explica a forte participação do estado do Amazonas no quadro de geração de empregos industriais é a existência do polo industrial da Zona Franca de Manaus.

Vamos agora analisar o movimento de geração de emprego para as UFs segundo os dados apresentados na Tabela 11, buscando destacar aqueles estados que apresentam um perfil que de certa forma destoa da média do país.

<b>Tabela 11 • Distribuição Percentual da Geração de Emprego no Setor de Serviços por UF • 2006/2012</b>							
<b>UF</b>	<b>Instituições Financeiras</b>	<b>Com. Adm. de Imóv., Servç. Téc. Prof.</b>	<b>Transp. e Comunicações</b>	<b>Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.</b>	<b>Serviç. Médicos, Odontol.</b>	<b>Ensino</b>	<b>Total (100%)</b>
Rondônia	7,1	25,4	12,4	33,7	9,7	11,7	18.268
Acre	20,2	2,7	19,4	40,4	18,0	-0,7	2.405
Amazonas	2,7	25,2	23,9	36,2	6,8	5,1	36.178
Roraima	7,2	-2,8	3,9	71,6	8,0	12,1	3.792
Pará	4,2	20,3	14,3	39,1	16,2	5,9	63.012
Amapá	3,7	40,9	5,2	26,8	10,4	13,0	7.168
Tocantins	8,4	19,8	5,2	26,5	26,6	13,5	10.746
Maranhão	4,7	36,9	14,3	20,2	15,7	8,3	34.015
Piauí	5,9	19,9	6,1	45,8	15,6	6,6	21.516
Ceará	1,1	38,5	9,1	31,3	12,1	8,0	131.463
R. G. Do Norte	3,2	22,3	12,5	36,2	14,0	11,8	33.600
Paraíba	3,2	36,5	6,3	33,2	9,0	11,9	32.755
Pernambuco	2,2	44,0	8,9	24,3	14,9	5,7	157.746
Alagoas	5,1	15,7	11,1	37,0	20,0	11,1	18.246
Sergipe	4,0	24,0	8,1	33,7	22,1	8,1	29.056
Bahia	3,1	32,6	13,8	28,4	16,2	5,9	147.861
Minas Gerais	3,2	38,4	13,5	29,0	9,8	6,0	478.876
Espírito Santo	2,9	31,2	17,7	31,9	11,5	4,7	91.370
Rio de Janeiro	1,4	40,2	15,1	27,7	9,5	6,1	503.219
São Paulo	3,9	38,6	12,3	27,3	12,0	5,9	1.624.448
Paraná	3,8	34,7	14,7	28,5	9,6	8,6	256.717
Santa Catarina	3,7	34,7	14,1	31,2	9,5	6,9	186.358
R. G. Do Sul	4,2	31,2	12,6	32,4	13,5	6,1	260.823
Mto. Gr. Do Sul	3,6	32,2	13,5	30,6	14,1	5,9	36.058
Mato Grosso	7,4	29,2	20,8	20,0	15,1	7,6	36.839
Goiás	3,5	34,3	9,2	36,9	9,2	6,9	114.694
Distrito Federal	5,1	35,3	11,1	29,8	11,0	7,7	72.050
<b>Total</b>	<b>3,4</b>	<b>36,5</b>	<b>12,9</b>	<b>29,0</b>	<b>11,7</b>	<b>6,5</b>	<b>4.409.279</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Verificamos que o segmento instituições financeiras foi o que menos contribuiu para a geração de emprego no período (3,4%), sendo que o estado que mais se destacou foi o Acre, com 20,2% do total de seus empregos sendo representado por esse segmento, percentual esse que se encontra significativamente acima da média nacional. No segmento comércio e administração de imóveis e serviços técnicos profissionalizantes a média do país ficou em 36,5%, possuindo assim o maior nível de empregos gerados no total. Neste segmento o destaque fica a cargo dos estados do Amapá (40,9%) e Rio de Janeiro (40,2%); Roraima também se destacou dentro do segmento, mas como o estado que menos contribuiu para a geração de emprego, -2,8%. Transportes e comunicações fechou o ano com a geração de 12,9% de novos postos, sendo que Amazonas e Mato Grosso contribuíram respectivamente com 23,9% e 20,8%. Serviços de alojamento, alimentação, reparação e manutenção gerou 29% dos novos empregos no período, sendo os estados que se mais se destacaram por superar a média

nacional foram Roraima (71,6%), Piauí (45,8%), Alagoas (37%), Goiás (36,9%) e Rio Grande do Norte (36,2%). No segmento serviços médicos e odontológicos a média nacional foi de 11,7%, enquanto que os estados que mais contribuíram foram Tocantins (26,6%), Sergipe (22,1%) e Alagoas (20%). A contribuição nacional do segmento ensino foi de 6,5%, sendo que um o Acre contribuiu negativamente, -0,7%.

<b>Tabela 12 • Geração de Emprego por Setor de Atividade Econômica • Capital e Interior • 2006/2012</b>						
<b>Setor</b>	<b>Capital</b>		<b>Interior</b>		<b>Total</b>	
	<b>Empregos</b>	<b>%</b>	<b>Empregos</b>	<b>%</b>	<b>Empregos</b>	<b>%</b>
Extrativa mineral	13.076	17,1	63.306	82,9	76.382	100
Indústria de transformação	283.711	18,6	1.243.576	81,4	1.527.287	100
Serviços Industr de Utilidade Pública	26.634	43,0	35.277	57,0	61.911	100
Construção Civil	556.433	50,1	555.205	49,9	1.111.638	100
Comércio	829.833	32,2	1.750.003	67,8	2.579.836	100
<b>Serviços</b>	2.154.907	48,9	2.254.372	51,1	4.409.279	100
Instituições Financeiras	70.412	46,7	80.299	53,3	150.711	100
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	875.221	54,3	735.793	45,7	1.611.014	100
Transp. e Comunicações	199.132	35,0	369.212	65,0	568.344	100
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	631.689	49,4	647.603	50,6	1.279.292	100
Serviç. Médicos, Odontol.	265.039	51,4	250.199	48,6	515.238	100
Ensino	113.414	39,8	171.266	60,2	284.680	100
Administração Pública	6.645	9,8	61.138	90,2	67.783	100
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	2.946	9,7	27.563	90,3	30.509	100
<b>Total</b>	<b>3.874.185</b>	<b>39,3</b>	<b>5.990.440</b>	<b>60,7</b>	<b>9.864.625</b>	<b>100</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

A Tabela 12 deixa evidente a existência de um processo de crescimento dos empregos no interior dos estados, que correspondeu a 60,7% do total de empregos gerados. A tese de que o setor terciário possuiria um papel complementar ao desenvolvimento dos demais setores, como é o caso dos transportes ou reparação e conservação de bens duráveis, é bem defendida quando analisamos os dados presentes na Tabela 12. Verificamos que no caso das regiões Sudeste e Sul, mais amadurecidas no que se refere ao processo de desenvolvimento econômico, a maior parte da criação de novos empregos no setor industrial se localizou no interior dessas regiões, o mesmo ocorrendo com a geração de empregos no setor terciário. Pode-se dizer então que há, nesse caso, uma complementaridade entre esses dois setores.

Ainda analisando os dados contidos na Tabela 12, verificamos que do total de empregos gerados no setor de serviços, 51% corresponde ao interior, enquanto no que se refere ao setor de comércio esse valor é de 67,8%. Assim como na indústria, a maior geração de empregos em

serviços e comércio na capital encontra-se a cargo das regiões Norte, Nordeste (somente serviços) e Centro-Oeste.

Da análise da Tabela 12 verificamos que há uma relação de equilíbrio entre o interior e as capitais no que se refere à geração de empregos no setor de serviços. Do total de empregos gerados no setor, o interior contribuiu com 51% dos novos postos de trabalho, enquanto que a capital contribuiu com 49%, demonstrando assim um movimento equilibrado da geração de emprego no setor. O segmento de transportes e comunicações e o segmento de ensino foram os que mais concentraram a abertura de novos postos de trabalho nas capitais, revelando um maior dinamismo dessas atividades nesses grandes centros. Os demais segmentos apresentaram certa similaridade em relação à geração de emprego nas capitais e no interior, sendo que o segmento de comércio e administração de imóveis e serviços técnicos profissionalizantes apresentou um leve crescimento dos empregos nas capitais, 54,3%, contra 45,7% no interior. Tal movimento de equilíbrio entre a geração de emprego no interior dos estados e nas capitais não se verifica nos setores de comércio e indústria. Nestes, a maior parte dos empregos gerados destinam-se às capitais.

Tabela 13 • Percentual de Geração de Emprego por Setor e Região • Capital e Interior • 2006/2012												
Setor	Norte		Nordeste		Sudeste		Sul		Centro-Oeste		Total	
	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior	Capital	Interior
Extrativa mineral	0,1	3,7	0,2	0,5	0,2	0,6	0,0	0,3	0,1	0,7	0,1	0,6
Indústria de transformação	7,1	0,5	3,3	10,5	2,6	10,9	2,1	21,2	4,1	14,1	2,9	12,6
Serviços Industr de Utilidade Pública	0,7	0,2	0,4	0,3	0,2	0,4	0,3	0,5	0,4	0,1	0,3	0,4
Construção Civil	12,3	6,9	9,5	7,5	5,2	5,0	2,1	6,5	6,9	3,5	5,6	5,6
Comércio	14,7	14,9	11,8	16,2	7,9	16,8	4,7	23,6	11,8	13,7	8,4	17,7
<b>Serviços</b>	26,4	12,0	25,2	15,0	23,6	25,4	11,4	26,4	26,3	15,2	21,8	22,9
Instituições Financeiras	0,7	1,1	0,3	0,8	1,0	0,6	0,3	1,2	0,9	0,9	0,7	0,8
Com. Adm. Imóv., Servç. Téc. Prof.	6,3	2,3	10,6	3,6	9,7	9,2	4,9	7,7	10,7	3,2	8,9	7,5
Transp. e Comunicações	3,5	2,3	2,1	2,1	2,3	4,2	0,9	4,3	1,8	3,2	2,0	3,7
Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	11,2	3,0	6,6	5,2	6,9	6,8	3,4	8,2	7,7	5,4	6,4	6,6
Serviç. Médicos, Odontol.	3,1	2,0	4,2	1,8	2,7	2,8	1,2	3,0	3,2	1,4	2,7	2,5
Ensino	1,5	1,3	1,5	1,5	1,1	1,8	0,8	2,0	1,9	1,0	1,1	1,7
Administração Pública	0,1	0,2	0,4	0,0	0,0	0,9	0,0	0,6	0,0	0,0	0,1	0,6
Agropecuária, extr vegetal, caça e pesca	-0,3	0,7	0,0	-0,8	0,1	0,2	0,0	0,3	-0,1	3,3	0,0	0,3
<b>Subtotal</b>	<b>61,1</b>	<b>38,9</b>	<b>50,7</b>	<b>49,3</b>	<b>39,8</b>	<b>60,2</b>	<b>20,6</b>	<b>79,4</b>	<b>49,4</b>	<b>50,6</b>	<b>39,3</b>	<b>60,7</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

A Tabela 13 nos informa a geração de emprego segundo o setor de atividade econômica e região natural onde o mesmo se localiza. O que podemos extrair mais uma vez da análise dos dados é que o interior responde pela maior parte dos empregos gerados no período, principalmente nas regiões mais desenvolvidas do Centro-Sul, onde a infraestrutura dos grandes centros se encontra saturada. Nas regiões Norte e Nordeste, a geração de emprego nas capitais ainda é bastante expressiva, sendo isso reflexo de um processo de desenvolvimento econômico que ainda hoje está em andamento. No entanto, conforme podemos visualizar na

Tabela 13, no período estudado houve certo equilíbrio na geração de emprego nas regiões fora do eixo Sul/Sudeste, sobretudo Nordeste e Centro-Oeste.

Uma forma de analisarmos o processo de desconcentração do setor de serviços é por meio do corte regional composto pelas 137 mesorregiões do país. Neste estudo evidenciaremos as 30 principais mesorregiões geradoras de empregos no período, seguido pelas 30 mesorregiões que menos contribuíram com a geração de postos de trabalho e por fim faremos uma breve comparação entre os anos de 2006 e 2012, demonstrando então a existência ou não de um processo de desconcentração regional das atividades do setor de serviços.

Tabela 14 • Mesorregiões que mais Geraram Empregos Segundo o Setor de Serviços • 2006/2012															
Mesorregião	UF	Instituições Financeiras	%	Com. Adm. de Imóv., Serv. Téc. Prof.	%	Transp. e Comunicaç.	%	Serv. Aloj., Alim., Rep., Manut.	%	Serviç. Médicos, Odontol.	%	Ensino	%	Total	%
Metropolitana de São Paulo	SP	50.154	1,1	453.962	10,3	128.866	2,9	302.253	6,9	136.998	3,1	53.331	1,2	1.125.564	25,5
Metropolitana do Rio de Janeiro	RJ	5.498	0,1	167.111	3,8	61.579	1,4	123.061	2,8	42.192	1,0	24.387	0,6	423.828	9,6
Metropolitana de Belo Horizonte	MG	6.586	0,1	125.460	2,8	33.009	0,7	81.710	1,9	16.691	0,4	14.287	0,3	277.743	6,3
Metropolitana de Porto Alegre	RS	4.783	0,1	54.015	1,2	14.762	0,3	57.089	1,3	17.671	0,4	8.743	0,2	157.063	3,6
Metropolitana de Curitiba	PR	3.327	0,1	53.355	1,2	19.956	0,5	37.456	0,8	9.777	0,2	10.749	0,2	134.620	3,1
Metropolitana de Recife	PE	1.864	0,0	61.211	1,4	11.854	0,3	25.757	0,6	20.179	0,5	6.187	0,1	127.052	2,9
Campinas	SP	2.511	0,1	43.267	1,0	19.859	0,5	32.873	0,7	10.238	0,2	11.006	0,2	119.754	2,7
Metropolitana de Fortaleza	CE	-198	0,0	45.975	1,0	10.670	0,2	35.648	0,8	11.698	0,3	8.201	0,2	111.994	2,5
Metropolitana de Salvador	BA	1.603	0,0	39.444	0,9	11.481	0,3	30.263	0,7	16.512	0,4	3.026	0,1	102.329	2,3
Centro Goiano	GO	1.872	0,0	33.203	0,8	5.787	0,1	32.932	0,7	8.596	0,2	5.768	0,1	88.158	2,0
Macro Metropolitana Paulista	SP	1.604	0,0	31.467	0,7	11.784	0,3	20.926	0,5	6.937	0,2	6.570	0,1	79.288	1,8
Distrito Federal	DF	3.691	0,1	25.415	0,6	8.003	0,2	21.483	0,5	7.897	0,2	5.561	0,1	72.050	1,6
Central Espírito-santense	ES	1.605	0,0	25.107	0,6	12.448	0,3	22.350	0,5	7.534	0,2	2.779	0,1	71.823	1,6
Ribeirão Preto	SP	1.923	0,0	17.986	0,4	8.039	0,2	18.888	0,4	7.705	0,2	5.651	0,1	60.192	1,4
Grande Florianópolis	SC	618	0,0	23.923	0,5	2.329	0,1	24.069	0,5	4.536	0,1	2.492	0,1	57.967	1,3
Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	MG	1.732	0,0	18.805	0,4	9.456	0,2	14.896	0,3	7.154	0,2	4.362	0,1	56.405	1,3
Vale do Paraíba Paulista	SP	1.331	0,0	19.477	0,4	4.419	0,1	15.464	0,4	8.040	0,2	5.348	0,1	54.079	1,2
Norte Central Paranaense	PR	1.552	0,0	17.947	0,4	8.099	0,2	12.776	0,3	6.187	0,1	5.400	0,1	51.961	1,2
Metropolitana de Belém	PA	856	0,0	11.166	0,3	4.191	0,1	19.274	0,4	7.270	0,2	1.807	0,0	44.564	1,0
Vale do Itajaí	SC	2.189	0,0	17.863	0,4	6.952	0,2	9.286	0,2	3.885	0,1	3.103	0,1	43.278	1,0
Zona da Mata	MG	1.227	0,0	11.491	0,3	7.015	0,2	12.014	0,3	6.010	0,1	2.999	0,1	40.756	0,9
Bauru	SP	835	0,0	15.734	0,4	4.985	0,1	8.901	0,2	4.490	0,1	2.880	0,1	37.825	0,9
Centro Amazonense	AM	869	0,0	9.097	0,2	8.587	0,2	13.310	0,3	2.470	0,1	1.846	0,0	36.179	0,8
Sul/Sudoeste de Minas	MG	1.700	0,0	8.487	0,2	6.785	0,2	10.372	0,2	5.557	0,1	3.224	0,1	36.125	0,8
Piracicaba	SP	710	0,0	13.044	0,3	5.397	0,1	10.094	0,2	3.856	0,1	2.383	0,1	35.484	0,8
Noroeste Rio-grandense	RS	3.490	0,1	7.420	0,2	5.999	0,1	8.577	0,2	5.940	0,1	1.778	0,0	33.204	0,8
Norte Catarinense	SC	1.036	0,0	11.491	0,3	4.635	0,1	10.736	0,2	3.383	0,1	1.902	0,0	33.183	0,8
São José do Rio Preto	SP	1.054	0,0	8.281	0,2	3.551	0,1	11.568	0,3	5.923	0,1	2.118	0,0	32.495	0,7
Norte Fluminense	RJ	553	0,0	22.483	0,5	4.230	0,1	343	0,0	801	0,0	1.758	0,0	30.168	0,7
Oeste Catarinense	SC	1.883	0,0	5.089	0,1	8.569	0,2	8.863	0,2	2.981	0,1	2.472	0,1	29.857	0,7
Subtotal		108.458	2,5	1.398.776	31,7	453.296	10,3	1.033.232	23,4	399.108	9,1	212.118	4,8	3.604.988	81,8
Total Brasil		150.711	3,4	1.611.014	36,5	568.344	12,9	1.279.287	29,0	515.238	11,7	284.680	6,5	4.409.274	100,0

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

No período que compreende 2006 a 2012, verificamos que as 30 mesorregiões responsáveis pelo maior volume de emprego gerado no setor de serviços contribuíam com 81,8% da geração de novos postos de trabalho. Ainda que muitos estudos, conforme já relatado nas seções anteriores, apontem para a perda relativa de importância das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro, percebemos através da análise da Tabela 14 que a Região

Metropolitana de São Paulo representa sozinha 25,5% da geração de emprego no período, enquanto a Região Metropolitana do Rio de Janeiro contribuiu com 9,6%.

Dentre as 30 mesorregiões com maior índice de geração de emprego, somente 7 delas se encontrava fora do eixo Sul/Sudeste, são elas: Metropolitana de Recife, Metropolitana de Fortaleza, Metropolitana de Salvador, Centro Goiano, Distrito Federal, Metropolitana de Belém e Centro Amazonense. Estabelecendo um paralelo com a análise de Saboia (2011) no que tange às mesorregiões que mais geraram empregos industriais no período de 1997 a 2007, percebemos que em sua análise eram 6 as mesorregiões compreendidas fora do eixo Sul/Sudeste: Metropolitana de Recife, Metropolitana de Fortaleza, Metropolitana de Salvador, Centro Goiano, Centro Amazonense e Leste Alagoano. Sendo assim, podemos dizer que as mesorregiões que mais colaboraram com a geração de empregos industriais foram, praticamente, as mesmas que contribuíram com maior volume de geração de emprego no setor de serviços. Daí podemos inferir mais uma vez a tese da complementaridade e interdependência entre ambos os setores.

Podemos então tirar como conclusão do que até agora foi exposto, que há muita concentração em poucas mesorregiões e o que se verifica é uma complementaridade e interdependência entre os setores industrial e de serviços. Iremos agora realizar uma breve comparação da geração de empregos no setor de serviços para os anos de 2006 e 2012, primeiramente segundo as 27 UFs e após isso para as 30 mesorregiões com maior número de empregos no setor de serviços. Com essa comparação entre os dois anos, procuraremos demonstrar se de fato houve um processo de redução da concentração regional das atividades no setor de serviços.



Tabela 15 • Geração de Emprego no Setor de Serviços por UF • 2006/2012					
2006			2012		
UF	Empregos	%	UF	Empregos	%
São Paulo	228.261	43,8	São Paulo	160.701	32,0
Minas Gerais	61.272	11,7	Minas Gerais	54.901	10,9
Rio de Janeiro	55.751	10,7	Rio de Janeiro	51.523	10,3
Paraná	33.115	6,3	Rio Grande do Sul	40.653	8,1
Rio Grande do Sul	24.664	4,7	Paraná	31.959	6,4
Santa Catarina	19.859	3,8	Santa Catarina	27.190	5,4
Pernambuco	15.321	2,9	Goiás	19.093	3,8
Espírito Santo	11.586	2,2	Ceará	19.002	3,8
Ceará	11.516	2,2	Pernambuco	13.650	2,7
Bahia	9.571	1,8	Bahia	12.176	2,4
Pará	6.946	1,3	Distrito Federal	10.595	2,1
Distrito Federal	6.790	1,3	Espírito Santo	8.962	1,8
Maranhão	5.286	1,0	Paraíba	8.217	1,6
Goiás	5.264	1,0	Mato Grosso do Sul	7.759	1,5
Amazonas	4.296	0,8	Mato Grosso	6.237	1,2
Rio Grande do Norte	3.613	0,7	Pará	5.353	1,1
Piauí	3.497	0,7	Maranhão	4.930	1,0
Sergipe	3.044	0,6	Sergipe	4.215	0,8
Paraíba	2.468	0,5	Rio Grande do Norte	3.058	0,6
Alagoas	2.171	0,4	Amazonas	2.716	0,5
Mato Grosso	2.022	0,4	Alagoas	2.516	0,5
Mato Grosso do Sul	1.691	0,3	Amapá	2.262	0,5
Rondônia	1.479	0,3	Roraima	1.368	0,3
Tocantins	936	0,2	Rondônia	1.251	0,2
Amapá	686	0,1	Piauí	1.054	0,2
Acre	266	0,1	Tocantins	245	0,0
Roraima	238	0,0	Acre	-53	0,0
<b>Total</b>	<b>521.609</b>	<b>100</b>		<b>501.533</b>	<b>100</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

A Tabela 15 nos mostra um claro processo de desconcentração das atividades no setor de serviços, visto que em 2006 as 6 UFs que mais geraram empregos (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina) totalizaram 81,1% dos novos postos, enquanto que em 2012 essas mesmas UFs contribuíram com 73,2% para a geração de emprego. Dentre esses 6 estados, somente o Rio Grande do Sul e Santa Catarina tiveram um crescimento no percentual de geração de emprego, o primeiro passando de 4,7% em 2006 para 8,1% em 2012 e Santa Catarina passando de 3,8% em 2006 para 5,4% em 2012, os demais tiveram redução percentual. O Rio de Janeiro teve a sua participação na geração de emprego praticamente estável, visto que o setor de serviços no estado é muito importante, por isso seu percentual de abertura de novos postos no setor não caiu muito de um ano para o outro.

Apesar da perda relativa de importância, o estado de São Paulo ainda representava 32% do emprego no setor de serviços para o ano de 2012. Percebemos mais uma vez que os estados

que mais contribuíram para a abertura de novos postos de trabalho se encontram no eixo Sul/Sudeste. Portanto, apesar de verificarmos uma significativa redução da concentração das atividades de serviços nesses estados, não podemos deixar de mencionar que ainda hoje a participação dos mesmos no percentual de empregos gerados no período é significativamente relevante. O que está ocorrendo atualmente é um fortalecimento do processo de desconcentração das atividades no setor de serviços, entretanto, estas ainda se encontram bastante concentradas nos principais estados do eixo Sul/Sudeste do país.

Portanto, por meio da Tabela 15 percebemos que as maiores perdas estão localizadas, sobretudo, nos principais geradores de empregos, que se encontram no eixo Sul/Sudeste do país. Podemos ainda verificar que os 6 estados que menos geraram empregos em 2006 totalizaram 1% da geração de novos postos no ano e em 2012 esse percentual teve uma leve elevação, 1,2%. Roraima e Amapá tiveram seus percentuais de contribuição elevados em 2012, no entanto esses dois estados, que em 2006 faziam parte do grupo que menos contribuiu para a abertura de novos postos, não conseguiram eliminar o status de menores colaboradores para a geração de empregos.

Ainda na Tabela 15, podemos verificar alguns movimentos interessantes, como é o caso dos estados do Ceará, Paraíba, Mato Grosso do Sul e, sobretudo Goiás. Esses estados tiveram um significativo crescimento de participação na geração de emprego quando comparamos 2006 e 2012. Podemos então inserir nesse contexto a tese da complementaridade serviços/indústria, uma vez que o crescimento do setor de serviços se deve à expansão da atividade industrial nesses estados, ou seja, boa parte dos empregos gerados se deve ao crescimento e criação de novos postos de trabalho em virtude do aquecimento do setor industrial nessas regiões.

Tabela 16 • As 30 Mesorregiões que Mais Geraram Empregos no Setor de Serviços • 2006/2012							
2006				2012			
UF	Mesorregião	Empregos	%	UF	Mesorregião	Empregos	%
SP	Metropolitana de São Paulo	165.227	31,7	SP	Metropolitana de São Paulo	98.137	19,6
RJ	Metropolitana do Rio de Janeiro	46.066	8,8	RJ	Metropolitana do Rio de Janeiro	43.112	8,6
MG	Metropolitana de Belo Horizonte	41.315	7,9	MG	Metropolitana de Belo Horizonte	23.435	4,7
PR	Metropolitana de Curitiba	21.086	4,0	RS	Metropolitana de Porto Alegre	23.364	4,7
RS	Metropolitana de Porto Alegre	14.918	2,9	SP	Campinas	15.904	3,2
SP	Campinas	13.827	2,7	CE	Metropolitana de Fortaleza	15.497	3,1
PE	Metropolitana de Recife	11.879	2,3	GO	Centro Goiano	14.366	2,9
SP	Macro Metropolitana Paulista	11.298	2,2	PR	Metropolitana de Curitiba	13.954	2,8
ES	Central Espírito-santense	10.388	2,0	DF	Distrito Federal	10.595	2,1
CE	Metropolitana de Fortaleza	8.371	1,6	SC	Grande Florianópolis	9.567	1,9
SP	Ribeirão Preto	7.077	1,4	SP	Ribeirão Preto	8.736	1,7
DF	Distrito Federal	6.790	1,3	PE	Metropolitana de Recife	8.707	1,7
SP	Vale do Paraíba Paulista	6.782	1,3	MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	8.146	1,6
SC	Vale do Itajaí	6.369	1,2	MG	Zona da Mata	7.515	1,5
SP	Piracicaba	6.322	1,2	SP	Bauru	7.355	1,5
BA	Metropolitana de Salvador	6.006	1,2	SP	Macro Metropolitana Paulista	6.525	1,3
PA	Metropolitana de Belém	5.367	1,0	PR	Norte Central Paranaense	6.426	1,3
SC	Grande Florianópolis	5.161	1,0	ES	Central Espírito-santense	6.356	1,3
MG	Zona da Mata	4.658	0,9	MG	Sul/Sudoeste de Minas	5.279	1,1
GO	Centro Goiano	4.638	0,9	PB	Agrete Paraibano	5.277	1,1
AM	Centro Amazonense	4.594	0,9	RS	Noroeste Rio-grandense	5.269	1,1
PR	Norte Central Paranaense	4.504	0,9	SC	Norte Catarinense	5.117	1,0
SP	São José do Rio Preto	4.465	0,9	SP	São José do Rio Preto	4.594	0,9
MG	Triângulo Mineiro/Alto Paranaíba	4.447	0,9	PR	Oeste Paranaense	4.499	0,9
RJ	Norte Fluminense	4.263	0,8	PA	Metropolitana de Belém	4.497	0,9
MG	Sul/Sudoeste de Minas	3.596	0,7	SC	Oeste Catarinense	4.358	0,9
SC	Norte Catarinense	3.544	0,7	BA	Centro Norte Baiano	4.295	0,9
MA	Norte Maranhense	3.416	0,7	SP	Vale do Paraíba Paulista	4.051	0,8
PI	Centro-Norte Piauiense	3.256	0,6	SC	Vale do Itajaí	3.946	0,8
SP	Bauru	3.211	0,6	RS	Nordeste Rio-grandense	3.886	0,8
<b>Subtotal</b>		<b>442.841</b>	<b>84,9</b>			<b>382.765</b>	<b>76,3</b>
<b>Total Brasil</b>		<b>521.609</b>	<b>100</b>			<b>501.533</b>	<b>100</b>

Fonte: Processamento da autora a partir do CAGED

Da análise Tabela 16 fica ainda mais evidente o processo de desconcentração regional das atividades do setor terciário, uma vez que no ano de 2006, 84,9% da geração de emprego esteve concentrada em 30 mesorregiões, sendo que destas 58% corresponderam a apenas 6 mesorregiões, com a Região Metropolitana de São Paulo contribuindo com a geração de 31,7% da abertura de novos postos de trabalho. Já em 2012, as 30 mesorregiões que mais geraram empregos totalizaram 76,3%, sendo que as 6 maiores contribuintes para esse percentual perfizeram 43,8% de empregos gerados no período. Em 2012 a Região Metropolitana de São Paulo teve a sua participação na geração de emprego diminuída, contribuindo com a criação de 19,6% dos novos postos. Apesar da queda de concentração das 6 primeiras regiões geradoras de empregos, de 58% em 2006 para 43,8% em 2012, o fato de apenas 6 mesorregiões possuírem mais de 40% do total de empregos gerados no período já é um fato de extrema relevância, confirmando os desníveis regionais no setor de serviços.

Vale do Paraíba Paulista, Vale do Itajaí e Metropolitana de Belém reduziram significativamente as suas participações na geração de novos postos de trabalho, chegando a fazer parte em 2012 do grupo das 6 mesorregiões que menos geraram empregos. Em 2006 Norte Catarinense e Bauru faziam parte deste grupo, com 3.544 e 3.211 postos de trabalho gerados respectivamente, já em 2012 estas mesmas mesorregiões apresentaram maior quantidade de empregos gerados, Norte Catarinense gerando 5.177 novos empregos e Bauru 7.355, deixando assim de fazer parte do grupo dos 6 que menos geraram empregos no período dentre as 30 mesorregiões listadas em cada ano. Da análise da Tabela 16 verificamos ainda que todas as regiões metropolitanas, exceto a Região Metropolitana de Porto Alegre, apresentaram redução na geração de emprego. Outro caso que vale a pena mencionar foi o do Centro Goiano que elevou significativamente a sua participação na geração de emprego, passando de 4.638 postos de trabalho para 14.366, mostrando mais uma vez um movimento de interdependência entre setor industrial e de serviços.

O que podemos ainda afirmar da análise da Tabela 16 é que houve um movimento de queda no total da geração de emprego no período, de 521.609 para 501.533 empregos. No caso das 30 maiores mesorregiões essa queda foi ainda maior, de 442.841 para 382.765 empregos, demonstrando assim o aumento da importância das mesorregiões menores e confirmando a tese de desconcentração regional do setor de serviços. Ou seja, não ocorreu apenas uma desconcentração entre as 30 maiores mesorregiões listadas na tabela, estas também perderam participação para as restantes não incluídas na Tabela 16.

Portanto, torna-se correto afirmar que ocorreu ao longo do período analisado um processo de desconcentração regional no setor de serviços, com forte redução da participação das 30 principais mesorregiões do setor no emprego total. No entanto, ainda verificamos um grande peso das regiões metropolitanas do país, estas ainda hoje correspondem ao maior percentual de empregos gerados dentro do setor.

## CONCLUSÃO

Este trabalho realizou uma análise da dinâmica da geração de emprego na economia brasileira no período que compreende os anos de 2006 a 2012, oferecendo uma ênfase maior à trajetória seguida pelo setor de serviços. As publicações de diversos autores, que serviram como referência bibliográfica para o presente estudo, demonstram o quão importante e relevante é o entendimento da dinâmica e transformações ocorridas no setor de serviços de forma a nos possibilitar o acompanhamento da evolução da economia global.

A escolha do período em questão teve como principal motivação o desenvolvimento de uma análise para verificar os efeitos da crise financeira internacional que atingiu o Brasil no último trimestre de 2008 e ao longo de 2009 e o comportamento nos anos subsequentes. Buscamos identificar até que ponto o processo de geração de empregos nos setores econômicos, especialmente no setor de serviços, foi prejudicado por essa crise e se a mesma provocou alterações na localização das atividades terciárias.

Como resultado, constatamos que de fato houve uma brusca queda no PIB brasileiro no último trimestre de 2008 e, sobretudo em 2009. A geração de emprego teve uma considerável diminuição no período em questão, com 2009 contribuindo com a geração de apenas 10% do total de empregos. Entretanto, 2010 foi um ano excelente no que se refere ao quadro de novos empregos gerados e no próprio PIB. Este cresceu 7,5% e a geração de empregos naquele ano correspondeu a 21,7% do total de novos postos de trabalho abertos no período.

Muitos estudos realizados anteriormente em torno do tema da desconcentração regional da indústria demonstram como resultado que o cenário industrial brasileiro vem nos últimos anos passando por um processo de diminuição da concentração industrial nos principais polos tradicionais de produção, sobretudo das regiões metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro. As atividades industriais estariam se direcionando para cidades médias que apresentam maior dinamismo. Nesse sentido, buscamos verificar neste trabalho até que ponto poderíamos reportar movimento semelhante de desconcentração das atividades para o setor de serviços.

O resultado exposto pelo estudo nos revela que a tese de desconcentração das atividades econômicas no Brasil no período recente pode também ser aplicada ao setor de serviços. Analisados os dados e estatísticas extraídos, sobretudo do CAGED, pudemos verificar que as atividades de serviços estariam se deslocando para o interior dos estados mais desenvolvidos e com melhores infraestruturas, seguindo movimento semelhante ao setor industrial,

demonstrando a existência do processo de interiorização das atividades terciárias, em especial do setor de serviços. Além disso, constatamos através da análise das Mesorregiões, que recentemente vem ocorrendo uma perda relativa de peso das principais regiões metropolitanas do país, com destaque para São Paulo e Rio de Janeiro e ganho de importância das cidades de porte médio com maior dinamismo.

Outro ponto amplamente abordado no texto foi a tese da complementaridade entre os setores industrial e de serviços. Por meio dos dados aqui apresentados, pudemos constatar que aquelas regiões que mais colaboraram com a geração de empregos industriais foram, em geral, as mesmas que contribuíram com maior volume de geração de emprego no setor de serviços. Verificamos que no caso das regiões Sul e Sudeste, mais amadurecidas no que se refere ao processo de desenvolvimento econômico, a maior parte dos empregos gerados no setor industrial se localizou no interior dessas regiões, e foi verificado também um movimento semelhante no setor de serviços. Fica evidente assim a existência de um processo de complementaridade entre ambos os setores. O desenvolvimento da indústria se encontra aliado à necessidade cada vez maior de fornecimento de serviços modernos e inovadores, sendo assim podemos dizer que o crescimento do setor industrial promove o desenvolvimento e crescimento do setor de serviços e vice versa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, R. P. ; MENDONÇA, R. *A Absorção de Mão-de-Obra no Setor de Serviços*. Dados, vol. 40 no. 1, 1997.

BARROS, R. C. V. ; SABOIA, J. ; KUBRUSLY, L. S. *Diferenciação Regional da Geração de Empregos Formais no Brasil no Quadriênio 2003/2006*. Revista Econômica do Nordeste, vol. 39, no. 2, abril/junho 2008.

BASTOS, S. Q. A. ; PEROBELLI, F. S. ; SOUZA, K. B. *O Dinamismo do Setor de Serviços e sua Interação com o Setor Industrial: uma análise para a Região Sudeste no período pós Plano Real*. Anais do XXXVI Encontro Nacional de Economia – ANPEC Associação Nacional dos Centros de Pós-graduação em Economia, 2008.

COHEN, S. ; ZYSMAN, J. *Manufacturing matters: the myth of the post-industrial economy*. New York, Basic Books, 1987.

DINIZ, C. C. ; CROCCO, M. A. ; *Reestruturação Econômica e Impacto Regional: O Novo Mapa da Indústria Brasileira*. Nova Economia, Belo Horizonte, vol. 6, no. 1, jul. 1996.

DOMINGUES, E. P. ; JUNIOR, A. A. B. ; MAGALHÃES, A. S. ; SANTIAGO, F. S. ; CARVALHO, T. S. *Impactos da Crise de 2009 sobre a Indústria Brasileira: Condicionantes Macroeconômicos e Estruturais*. Disponível em:

<<http://www.cni.org.br/portal/data/pages/FF8080812C9D4531012CA35A23E50492.htm>>  
Acessado em 16 Fev. 2013.

GRÖNROOS, C. *Marketing: gerenciamento e serviços*. Editora Campus, 1995.

IBGE. *Contas Econômicas Trimestrais. Indicadores de Volume e Valores Correntes*. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, outubro/dezembro 2012.

KON, A. *A Produção Terciária*. Editora Nobel, São Paulo, 1992.

KON, A. *Novas territorialidades: transformações nas hierarquias econômicas regionais*. PESQUISA & DEBATE, SP, volume 10, número 1(15), 1999.

KON, A. *Os Serviços no Brasil*. Texto para Discussão – NEITT/PUCSP 2002.

KON, A. *Atividades Terciárias: Induzidas ou Indutoras do Crescimento Econômico*. Texto para Discussão - EITT/PUCSP 2003.

LEMOS, M. L. F. ; ROSA, S. E. S. ; TAVARES, M. M. *Os setores de comércio e serviços*. Disponível em:

<[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro\\_setorial/setorial07.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/livro_setorial/setorial07.pdf) > Acessado em: 05 Mar. 2013.

LOVELOCK, C. ; WRIGHT, L. *Serviços: Marketing e Gestão*. Editora Saraiva, 2006.

MELO, H. P. ; ROCHA, F. ; FERRAZ, G. ; SABBATO, A. D. ; DWECK, R. *O Setor de Serviços no Brasil: Uma Visão Global – 1985/95*. Texto para Discussão - IPEA Instituto de Pesquisa Econômica Avançada, 1998.

PAIVA, Y. M. R. *O Processo da Desconcentração Regional da Indústria Brasileira: Uma Análise do Período de 2003 a 2010*. Monografia Bacharelado, Instituto de Economia, UFRJ, 2012.

PASTORE, J. *Estabilidade e rotatividade*. Folha de São Paulo, 29/11/1987.

PEREIRA, L. C. B. *O Crescimento Perverso dos Serviços, Resultado da Estagnação Industrial*. Jornal da Tarde, 16 de Junho de 1989. Disponível em:

< <http://www.bresserpereira.org.br/view.asp?cod=1138> > Acessado em 2 jan. 2013.

PIMENTEL, N. *Economia brasileira em recuperação*. Jornal do Comércio, 4 de abril 2010.

SABOIA, J. *A Continuidade do Processo de Desconcentração Regional da Indústria Brasileira nos Anos 2000*, IE/UFRJ, 2011.

SCHNEIDER, A. L. *O perfil setorial do emprego brasileiro nos anos 90*. Indicadores Econômicos FEE, Fundação de Economia e Estatística, 2000.

SILVA, N. P. ; FRANCISCO, A. C. ; THOMAZ, M. S. *Estratégias de terceirização nos serviços de limpeza, conservação e segurança: Um estudo de caso na rede bancária*. 4º Encontro de Engenharia e Tecnologia dos Campos Gerais, Minas Gerais, 2008.



SISTEMA FIEMG; *Balanço da Economia Brasileira e Mineira em 2010 e Perspectivas para 2011*. Disponível em:

<<http://www5.fiemg.com.br/admin/BibliotecaDeArquivos/Image.aspx?ImgId=30079&TabId=13269>> Acessado em 3 Fev. 2013.